



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS
E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**



SARAH THAYNE RODRIGUES SILVA DOS SANTOS

**UMA PESQUISA NARRATIVA SOBRE O FEMININO
E AS EXPERIÊNCIAS DE UMA MULHER CIS E
UMA MULHER TRANS**

CATALÃO-GO

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese

2. Nome completo do autor

Sarah Thayne Rodrigues Silva dos Santos

3. Título do trabalho

Uma pesquisa narrativa sobre o feminino e as experiências de uma mulher cis e uma mulher trans.

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Viviane Cabral Bengezen, Professora do Magistério Superior**, em 02/03/2021, às 16:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

Documento assinado eletronicamente por **SARAH THAYNE RODRIGUES SILVA DOS SANTOS, Discente**, em 02/03/2021, às 16:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1887420** e o código CRC **EA9FF045**.

Referência: Processo nº 23070.056514/2020-43

SEI nº 1887420

SARAH THAYNE RODRIGUES SILVA DOS SANTOS

**UMA PESQUISA NARRATIVA SOBRE O FEMININO
E AS EXPERIÊNCIAS DE UMA MULHER CIS E
UMA MULHER TRANS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - nível Mestrado e Doutorado - da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão/UFCAT em transição, como requisito final à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Linha de Pesquisa: Língua, linguagem e cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Viviane Cabral Bengezen.

CATALÃO-GO

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Rodrigues Silva dos Santos, Sarah Thayne

Uma pesquisa narrativa sobre o feminino e as experiências de uma mulher cis e uma mulher trans [manuscrito] / Sarah Thayne Rodrigues Silva dos Santos. - 2020.

LXXXV, 85 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Viviane Cabral Bengezen.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Catalão, Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, Catalão, 2020.

Bibliografia. Anexos.

Inclui fotografias, lista de figuras.

1. Ética relacional. 2. Pesquisa narrativa. 3. Transexualidade. 4. Identidade. I. Cabral Bengezen, Viviane, orient. II. Título.

CDU 81



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA

ATA UAELL-RC 016/2020

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM DA UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – REGIONAL CATALÃO.

Defesa: nº 134/2020

Às nove horas do dia dezoito de dezembro de dois mil e vinte, reuniu-se a Banca Examinadora - à distância, Via Videoconferência - designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, composta pelas docentes: Profa. Dra. Viviane Cabral Bengezen – [Orientadora], da Universidade Federal de Goiás – UFG/RC; Profa. Dra. Vanessa Regina Duarte Xavier, da Universidade Federal de Goiás – UFG/RC; Profa. Dra. Dilma Maria de Mello, da UFU; para proceder à Defesa Pública de Dissertação intitulada “Uma pesquisa narrativa sobre o feminino e as linguagens de uma mulher cis e uma mulher trans”, de autoria da mestrande Sarah Thayne Rodrigues Silva dos Santos, matrícula 2019101044. Iniciando os trabalhos, a Presidente da sessão apresentou a Banca e a candidata ao título de Mestra. Em seguida, agradeceu a presença do público e passou a palavra à mestranda para a apresentação do trabalho. A seguir, a Presidente concedeu a palavra as examinadoras, que passaram a arguir a candidata. A duração da apresentação discente e a arguição dos examinadores aconteceram conforme regulamento do Programa. Ao término da arguição, a Banca Examinadora se reuniu em sessão secreta para atribuir os conceitos finais da Dissertação. Em face do resultado obtido, a Banca Examinadora considerou a candidata: aprovada, estando apta a fazer jus ao Título de Mestra em Estudos da Linguagem. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da Banca Examinadora. Regional Catalão, UFG, aos dezoito dias do mês de dezembro de dois mil e vinte. Esta defesa de Dissertação de Mestrado Acadêmico é parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestra. O diploma correspondente será emitido após cumprimento dos demais trâmites, conforme normas do Programa e legislação da Universidade Federal de Goiás, especialmente o Artigo 62 da Resolução CEPEC 1403/2016.

Observações:

Banca Examinadora de Qualificação/Defesa Pública de Dissertação/Tese realizada em conformidade com a Portaria da CAPES n. 36, de 19 de março de 2020, de acordo com seu segundo artigo:

Art. 2o A suspensão de que trata esta Portaria não afasta a possibilidade de defesas de tese utilizando tecnologias de comunicação à distância, quando admissíveis pelo programa de pós-graduação stricto sensu, nos termos da regulamentação do Ministério da Educação.

A banca examinadora ressalta a necessidade de revisão do capítulo de metodologia de pesquisa, considerando os equívocos teórico-metodológicos no texto e a revisão de língua portuguesa. A versão final da dissertação deve apresentar todas as devidas referências nos trechos em que determinados construtos teóricos e metodológicos foram acionados sem mencionar os autores devidos.

Além disso, a banca sugeriu a mudança do título da dissertação para "Uma pesquisa narrativa sobre o feminino e as experiências de uma mulher cis e uma mulher trans", bem como retirar o termo "linguagens" das palavras-chave.



Documento assinado eletronicamente por **Viviane Cabral Bengezen, Professora do Magistério Superior**, em 18/12/2020, às 13:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vanessa Regina Duarte Xavier, Professora do Magistério Superior**, em 18/12/2020, às 13:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Antônio Fernandes Júnior, Vice-Coordenador de Pós-graduação**, em 18/12/2020, às 17:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1752356** e o código CRC **7C9784CE**.

RESUMO

No presente trabalho, busquei descrever e compor sentidos das experiências vividas, em um relacionamento ético, entre mim, uma mulher cis, e uma mulher trans, apontando os fios narrativos que perpassam as nossas histórias, além de descrever e analisar as experiências vividas por mim e pela participante, na ética relacional, buscando entender como eu me expesso enquanto pesquisadora narrativa iniciante e mulher cisgênera, e também descrever e analisar as experiências vividas pela participante buscando compreender como ela se expressa como uma mulher trans. O caminho teórico-metodológico é a pesquisa narrativa segundo Clandinin e Connelly (2015) e o estudo está fundamentado em uma perspectiva indisciplinar *queer* de Linguística Aplicada (FABRICIO, 2017; JESUS, 2014, 2019; LIVIA; HALL, 2010; MOITA LOPES, 2006a, 2006b) abordando os estudos da linguagem de gêneros performativos (BUTLER, 2006), bem como conceitos e problematizações do movimento transfeminista (DUMERASQ, 2014a, 2014b; RAMÍREZ, 2014; BAGAGLI, 2014; LUPPI, 2019). A composição de sentidos foi feita conforme Ely, Vinz, Downing e Anzul (2005), com a participante da pesquisa, com foco nas tensões entre as concepções dela e as minhas, como pesquisadora e participante, no espaço tridimensional da pesquisa narrativa. Utilizei como instrumentos de pesquisa: fotos, mensagens de *Whatsapp*, notas de campo e linhas do tempo. Os resultados dessa pesquisa apontam para a construção de um espaço seguro e o compartilhamento de histórias secretas das histórias que nos constituem, enquanto uma mulher cis e uma mulher trans.

Palavras-chave: Ética relacional. Pesquisa narrativa. Transexualidade. Identidade.

ABSTRACT

In the present work, I tried to describe and commend meanings of the experiences lived, in an ethical relationship, between me, a cis woman, and a trans woman, pointing out the narrative threads that permeate our stories, in addition to describing and analyzing the experiences lived by the participant seeking to understand how she expresses herself as a trans woman and how I express myself as a cis woman. The theoretical-methodological path is narrative inquiry, according to Clandinin and Connelly (2015) and the study is based on a queer interdisciplinary perspective of Applied Linguistics (FABRICIO, 2017; JESUS, 2014, 2019; LIVIA, LIVIA, HALL, 2010; MOITA LOPES, 2006a, 2006b) addressing the language studies of performative genres (BUTLER, 2006), as well as concepts and problematizations of the transfeminist movement (DUMERASQ, 2014a, 2014b; RAMÍREZ, 2014; BAGAGLI, 2014; LUPPI, 2019). The composition of meanings was made according to Ely, Vinz, Downing and Anzul (2005), with the research participant, focusing on the tensions between her conceptions and mine, as researcher and participant, in the three-dimensional space of narrative inquiry. I used as search tools: photos, Whatsapp messages, field notes and timelines. The results of this research point to the construction of a safe space and the sharing of secret stories of the stories that constitute us, as a cis woman and a trans woman.

Keywords: Relational ethics. Narrative inquiry. Transsexuality. Identity.

AGRADECIMENTOS

Sou grata a minha família, em especial minha mãe Cláudia e minha avó Valdevina, por sempre me incentivarem e acreditarem que eu seria capaz de superar os obstáculos que a vida me apresentou durante a escrita da dissertação e, também, por não me deixarem desistir. Sem vocês eu não teria chegado até aqui.

A meu irmão, Diogo, pelo apoio, cuidado, compreensão e por cuidar da Lorelai nos momentos em que eu não pude estar presente.

A CAPES pela bolsa concedida, para que eu pudesse me dedicar exclusivamente à pesquisa.

A minha orientadora, Profa. Dra. Viviane Cabral Bengezen, por sempre estar presente e também aos integrantes do Grupo de Pesquisa Narrativa e Formação de Professores (GPNEP) em Catalão e Uberlândia, pelas contribuições.

As professoras doutoras Dilma Mello e Vanessa Xavier pelas possibilidades apontadas na qualificação.

À Rinara, pelas histórias e experiências compartilhadas.

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, pelos conhecimentos adquiridos durante a minha curta passagem no mestrado.

A todas as pessoas que conheci durante as disciplinas do mestrado. Em especial a Ivonete Santos, Nayara Capingote, Helenice Lima, Priscila Brandão e Yuri Amorim, pela amizade e pelos aprendizados sobre a vida acadêmica.

Aos graduandos de Letras, que tive a honra de conhecer: Thaís Ferreira, Rafael Machado, Brenda Cristine, Raisse Alexandre, Jéssica Lacerda e Matheus Leite.

À Suzi Costa, por me ajudar quando mais precisei e pelas contribuições a esta pesquisa, ao Bruno Serafim, pelas contribuições e apontamentos e a Bruna Hamerski, pelo apoio e pela amizade.

Minha enorme gratidão para minhas melhores amigas, Liriany Silveira e Sandra Siqueira, por estarem comigo nos momentos de tristezas e alegrias acadêmicas. Com vocês, o percurso de início do mestrado até a defesa foi mais leve.

Por fim, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que esta pesquisa fosse realizada.

Dedico esta dissertação à Thiessa, por me ensinar que as vidas de pessoas trans importam.

Dedico também, para as mulheres da minha vida, que me ensinaram sobre força, resiliência e a nunca desistir: minha avó, Valdevina; minha mãe, Cláudia; minhas madrinhas Gláucia e Glauciene; minhas primas, Isadora e Gabriela; e não menos importante, minha Lorelai Victoria.

Colorir

Faltar tinta
No dia que o ceu for livre
Pra todos serem o que so
Cobertos pelo sol, sem nenhum tipo de
opresso
Faltar nomes
Pra descrever o mundo sem as miserias
O que sentimos, o que nos tornamos
O novo ser sem medo de viver
Faltar a falta que nos entristece
Que hoje enche o peito de vazio e fumaça
No faltará amor, no faltará sonhos
O novo mundo se abrirá para o futuro
Onde o presente dominará o passado
E nossos coraçoes enfim sero salvos
(Virgínia Guitzel).

Lista de ilustrações

Foto 1: Sarah, 24 anos, em 2019.	33
Foto 2: Rinara, 26 anos, em 2020.	34
Foto 3: Linha do tempo da Rinara	44
Foto 4: Minha linha do tempo	45
Foto 5: Eu e Rinara	70

Sumário

INÍCIOS NARRATIVOS	11
1. REFERENCIAL TEÓRICO	20
1.1 Heteronormatividade e cisnormatividade (cis-heteronormatividade).....	20
1.2 A importância de incluir as pautas de mulheres trans nas discussões feministas cis	25
1.3 Teoria <i>queer</i> e os estudos da linguagem	27
2. METODOLOGIA DE PESQUISA	32
2.1 Contexto	32
2.2 Participantes da pesquisa	33
2.3 Apresentação da Sarah	33
2.4 Apresentação da Rinara	34
2.5 Minhas considerações sobre a pesquisa narrativa.....	35
2.6 Considerações sobre a ética relacional	37
2.7 Considerações sobre a ética relacional	39
2.8 Considerações sobre a linha do tempo.....	40
2.9 Como eu fiz a composição de sentidos?	40
3. NARRANDO AS EXPERIÊNCIAS E COMPONDO SENTIDOS	44
3.1 Linha do tempo da Rinara.....	44
3.2 Minha linha do tempo.....	45
3.3 Narrativa da Rinara.....	46
3.4 Sobre a infância e a importância da família nos relacionamentos de uma mulher trans.	52
3.5 Sobre o feminino	53
3.6 Sobre o mercado de trabalho	55
3.7 Sobre a situação atual do mundo e a importância da vida.....	56
3.8 Minha narrativa	57
3.9 Sobre a escuta, escrita e linguagem	65
3.10 Sobre a ética relacional e o espaço seguro.....	67
3.11 Sobre ser uma pesquisadora narrativa	70
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	78
ANEXO 1	82
ANEXO 2	86

INÍCIOS NARRATIVOS

Esta é uma dissertação de mestrado, resultado da pesquisa narrativa que foi desenvolvida entre março de 2019 a dezembro de 2020, no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão (que, na época, estava se tornando independente da Universidade Federal de Goiás). Meu nome é Sarah Thayne, tinha 24 anos quando escrevi este texto e já era graduada em Psicologia.

Início esta dissertação contando duas narrativas, que são histórias iniciais — narradas por mim antes de entrar no campo de pesquisa. Clandinin e Connelly (2015) apontam que os inícios narrativos são uma parte fundamental da pesquisa em andamento, pois ajudam a pensar os objetivos e o processo da pesquisa, que vão se desenvolver em torno das indagações de pesquisa (o que os autores canadenses chamam de *puzzle*). Escrever essas narrativas, para mim, foi um processo muito importante para me conectar com minha pesquisa e entender o principal motivo da escolha do tema e como me encaixar, nessa pesquisa, enquanto uma pesquisadora narrativa.

O que pode ser uma mulher trans?

Em Catalão, cidade onde nasci, cresci e moro atualmente, havia uma companhia de teatro, da qual uma mulher trans fazia parte dos integrantes. No início da minha adolescência, nada se falava sobre o que era ser uma pessoa trans e as problemáticas de gênero. No entanto, ter uma mulher trans fazendo parte de uma companhia de teatro era algo que estava sendo muito comentado no momento. O primo da minha melhor amiga era amigo da atriz da companhia de teatro e, em uma conversa, minha amiga me disse que a atriz era um menino que agora é menina. Eu não quis me alongar no assunto, mas fiquei muito curiosa para saber quem era.

Naquela mesma semana, a companhia de teatro estava apresentando um espetáculo e aquela atriz teria o papel principal. Com muita curiosidade de vê-la, fui ao teatro com a minha avó e durante a adaptação de *A Bela e a Fera*, fiquei atenta para ver se conseguia identificar a atriz em cima do palco, mas não consegui, via somente uma atriz, com características que eu achava muito femininas (voz doce, pequena, unhas grandes e pintadas, além de cabelos longos e lisos) que achei muito bonita.

Naquele dia, saí do teatro, inconformada, pensando na possibilidade de que talvez minha amiga estivesse mentindo para mim, pois não consegui, visualmente, identificar a atriz, que era um menino e agora era uma menina. Não quis perguntar a ninguém sobre quem era a moça e se era a mesma que a minha amiga falara, pois eu tinha receio de parecer intrometida. Por conseguinte, essa curiosidade ficou martelando na minha cabeça durante muito tempo. Esse foi o meu primeiro contato com a mulher trans (e com a transexualidade, em um contexto geral), mesmo sem saber o que significava ser uma mulher trans.

Nessa época, eu não tinha nenhuma noção de estudos de gênero e também não tinha conhecimento sobre algum outro gênero que não fosse o feminino e o masculino. Esse foi um marco importante, para começar a observar traços de gênero, seja em livros e filmes, iniciar estudos e leituras sobre o movimento feminista e, por fim, refletir sobre as experiências do que é ser mulher.

Alguns anos mais tarde, quando eu estava no último ano do ensino médio, houve um dia em que tive uma queda de pressão na escola e precisei ir ao hospital. Chegando lá, fiz exames de sangue e a enfermeira que me atendeu era uma mulher trans. Naquele dia, eu consegui observar alguns traços visuais de que ela era uma mulher trans, pela largura dos ombros, os traços do rosto e a voz grave.

Saí do hospital, fui para casa e recorro de ficar impressionada e pensando sobre o fato de ter uma mulher trans trabalhando em um hospital, pois desde o dia do teatro eu não tinha visto e nem ouvido sobre a transexualidade.

Hoje eu entendo que dizer que uma mulher é ou não trans não é simples. Tudo depende da pessoa se autodeclarar e também não é possível de identificar através de características corporais, comportamentais e linguísticas. Assim, entendo que ainda tenho muito que aprender.

(Reconstrução de memória, abril de 2019).

Essa história representa as minhas primeiras inquietações sobre as diversas formas de ser mulher. Hoje, enquanto escrevo e retomo essa história, compreendo que quando comecei a estudar sobre as relações de gênero, na época da escola, não tive a oportunidade de pensar e

problematizar as formas de (r)existências das mulheres. Pensava que só existia o modo heteronormativo de ser mulher e que feminista era aquela que ia para a rua manifestar ou que tinha um posicionamento crítico na *internet*, através de textos em *blogs* ou páginas no *Facebook*.

Apesar de ler muitos textos e ver muitos vídeos sobre militantes feministas em busca de respostas para as minhas dúvidas, não cheguei a ter contato com as teóricas feministas e os seus textos. Lia opinião de feministas sobre algum fato ou movimento social que acontecia no momento. Essas leituras me deixavam confusa, pois eu não entendia o contexto, os conceitos e as teorias nas quais os textos eram embasados. Hoje, percebo que eu estava em busca de respostas na *internet*, entretanto, esse não era o espaço ideal que me possibilitaria conversar e conviver com mulheres trans, mas sim trazer as minhas inquietações para o meio acadêmico.

Desse modo, pensei que poderia começar minha dissertação narrando essa história, do meu primeiro contato com mulheres trans e complementá-la narrando a minha experiência durante o desenvolvimento do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), quando decidi fazer da transexualidade o meu tema de pesquisa. Por isso, agora conto outra história que complementa a estruturação do *puzzle* de pesquisa (as indagações) e os objetivos que nortearam a minha investigação.

Problematizações no meio do caminho

Durante os primeiros períodos da minha graduação em Psicologia, enquanto ainda me era obscuro suas várias abordagens e objetos de estudos, era muito debatido pelas professoras qual o papel da psicóloga diante de uma paciente. Eram ditas frases bem simplistas em um tom cômico para fácil compreensão das recentes estudantes de Psicologia, de que a função da psicóloga é ir até o fundo do poço com a paciente, experimentar a sua dor e dar conta de ajudá-la a sair, sobre ajudar com alguma problemática trazida pela mesma. Também era dito que a função da psicóloga é jogar a paciente no chão, mas deixar um colchonete a postos, para amortecer a queda, no que concerne a mostrar as verdades conflituosas ao nível inconsciente; e a última que tenho lembrança é a de que a função da psicóloga é igual à de uma gangue: fazer o que tem de ser feito, referente a alguma intervenção ou corte terapêutico durante o atendimento, necessário para que a paciente se torne responsável pela sua vida e por seus atos.

Quando atendi a minha primeira paciente, no projeto de extensão que oferecia escuta terapêutica em um hospital da cidade de Catalão, compreendi que cada ser humano é um universo particular cheio de incógnitas. Seria impossível iniciar o tratamento terapêutico sem que a paciente estivesse disposta a colaborar com a terapia e, sobretudo, por parte da psicóloga, em se debruçar sobre o caso e estudá-lo. Escutando, estudando e aprendendo com minhas pacientes, todas se tornaram interessantes para mim, independentemente de qualquer que fosse a problemática ou patologia envolvida, pois para atendê-las foi necessário muito esforço, dedicação e estudo.

Compreender o sofrimento humano foi o que me levou a cursar Psicologia e durante o percurso do curso, fui entendendo as instâncias psíquicas e as psicopatologias. No final de 2017, fui ao *XIX Encontro Nacional ABRAPSO “Democracia participativa, estado e laicidade: Psicologia Social e enfrentamentos em tempo de exceção”*, no qual tive a oportunidade de ouvir a experiência de uma professora antropóloga desenvolvendo atividades no ambulatório especializado para pessoas LGBTQ+, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), junto a duas pessoas com disforia de gênero¹: uma queria a cirurgia de redefinição de sexo e outra queria desfazer a cirurgia, por não ter se adaptado ao novo corpo. Naquela mesa, com a professora, havia uma travesti transfeminista e também trabalhadora sexual, que falou sobre como é ser uma travesti de meia-idade, trabalhadora sexual e trans militante de um sindicato.

Saí da palestra reflexiva com tudo o que foi dito. Busquei no evento o que mais tinha sobre o assunto e não encontrei. Fiquei pensando nas possibilidades de pesquisas que poderiam ter diante de um tema tão vasto e interessante. Também pensei “como um evento desse porte, de Psicologia, não teria nenhuma psicóloga falando sobre a problemática trans?”

Depois do evento, fiquei pensando sobre o sofrimento psíquico de pessoas que não reconheciam o seu sexo biológico semelhante ao seu sexo psicológico. Então, comecei a pesquisar sobre disforia de gênero e

¹ Disforia de gênero, no DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), é o sofrimento clínico significativo apresentado pela incongruência entre o sexo biológico (nascimento) com o sexo psicológico (identidade de gênero).

transexualidade, na Psicologia e na Psicanálise, e me surpreendi com a escassez de material. Eu vi nessa escassez uma oportunidade de produzir conhecimento científico, de modo a contribuir para a academia e a sociedade, com uma pesquisa que esclareça essa realidade complexa e incompreendida, para que as pessoas tenham menos preconceito e mais empatia com o sofrimento psíquico de pessoas trans.

Assim, decidi pesquisar sobre a transexualidade, com aporte teórico psicanalítico, no meu TCC. Primeiramente, pensei em pesquisar a transexualidade na infância, que era a área na qual eu estava fazendo estágio em psicoterapia infantil no Centro de Estudos Aplicados à Psicologia (CEAPSI), da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Naquela época, coincidiu de aparecer um caso de uma menina, de 4 anos, que gostava de brincar somente com brincadeiras ditas socialmente de meninos e também gostava de ser chamado pelo nome de João.

No entanto, desisti de acompanhar e estudar o caso porque os pais da criança não estavam interessados em levar o acompanhamento psicológico adiante (um fato muito comum em tratamento terapêutico com crianças) e, também, porque pensei na complexidade de estudar traços transexuais em uma criança, visto que ela está em desenvolvimento. A teoria psicanalítica infantil explica que a criança está em “posição” e não que “é” ou “está”, pois, em decorrência do seu desenvolvimento, pode vir a mudar (hoje, como pesquisadora narrativa, entendo que todos estamos “nos tornando”).

Continuando minha busca pelo tema do TCC, em uma palestra do coletivo LGBTQ+ Retrato Colorido, na UFCAT, uma adolescente trans de uma escola pública da cidade falou sobre a sua experiência e transmittância. Entrei em contato com ela e marquei uma entrevista. Expliquei sobre a minha pesquisa e ela se mostrou interessada em participar, no entanto, não apareceu nos dias marcados e não respondeu minhas mensagens perguntando sobre o seu interesse na pesquisa.

Assim, pensando na dificuldade de encontrar uma pessoa trans, para fazer um estudo de caso que resultasse na minha pesquisa e também na dificuldade que seria passar pelas etapas do Comitê de Ética, resolvi pesquisar uma *youtuber* trans — a Thiessa Woinbackk, pois os conteúdos

de seus vídeos são de domínio público e não precisaria de autorização para analisá-los. Sendo assim, no TCC, eu pesquisei sobre como a Thiessa expressava a sua identidade no *YouTube*, analisando os seus vídeos, através da teoria psicanalítica.

Quando saí da graduação, percebi que queria dar continuidade nos meus estudos sobre a transexualidade. O meu foco até então era psicanalítico. Comecei a pensar em uma frase do Lacan que diz que o inconsciente é estruturado pela linguagem, assim, decidi entrar no mestrado em Estudos da Linguagem, porque queria desenvolver uma pesquisa que estudasse a afinidade da linguagem e da cultura em relação à transexualidade nos tempos atuais e, também, queria fazer uma pesquisa em que eu pudesse entrar em contato e conversar com mulheres trans.

A motivação que me rege para iniciar este estudo é pensar sobre as contribuições que a minha prática profissional e enquanto pesquisadora podem colaborar para o universo trans e para pessoas com dificuldade em entender sobre o tema.

(Reconstrução de memória, março de 2020)

Essas duas histórias conectadas foram o pontapé inicial para aguçar a minha curiosidade em continuar pesquisando e trazendo reflexões e problematizações que contribuam para o meio acadêmico, que tenham relevância social, sobre o universo de pessoas trans e que contribuam para que outras pessoas reflitam sobre as suas experiências em relação à transexualidade. Além de ser fruto da minha inquietação sobre a transexualidade, que caracteriza minhas justificativas práticas e pessoais. Espero que a minha pesquisa ajude pessoas que não têm familiaridade com este tema e que possa contribuir para os debates sobre a transexualidade na área dos Estudos da Linguagem, caracterizando minhas justificativas sociais e acadêmicas. Dessa forma, ao me propor desenvolver uma pesquisa como esta, estou contribuindo para desestruturar a lente social embasada que só visualiza um único modo identitário de ser mulher e homem, além de dar visibilidade para as identidades que não se encaixam nessa classificação binária e heteronormativa (BENTO, 2008).

Durante o desenvolvimento do meu TCC, não tive a oportunidade de conversar com a Thiessa para saber suas histórias, experiências e seu posicionamento militante enquanto uma *youtuber* e mulher trans. Esse processo de escrita da dissertação me fez refletir sobre diversas inquietações: quais as histórias que constituem a Thiessa? Quais as histórias que ela escolhe

para viver? Como ela vive as experiências em seu dia a dia? Que experiências são essas? Ela vive histórias sagradas²? Secretas³? De fachada⁴? Se sim, quais? O *YouTube* proporciona a ela contar suas histórias sem se sentir oprimida? Por outro lado, penso que se não fosse a plataforma do *YouTube* e as demais redes sociais, em qual outro lugar a Thiessa contaria suas histórias? Como eu, enquanto pesquisadora, poderia pensar em uma pesquisa que se importa com as vidas das mulheres trans e que gerasse um impacto positivo em suas vidas? O que é ser uma mulher trans e quais as suas diversas formas de (r)existência?

Por conseguinte, e quanto a mim, que conhecimento estou produzindo, enquanto uma mulher cisgênero? O que esse conhecimento e essa pesquisa transformarão em relação ao meu pensamento crítico e em minha militância feminista?

Considerando as minhas narrativas e as reflexões que tive a partir delas, pensei nas seguintes perguntas que me guiaram no desenvolvimento desta pesquisa: Como são as experiências vividas por uma mulher trans? Quais histórias ela contaria? Quais histórias a constituem? Quais os temas seriam abordados? Como é viver a ética relacional da pesquisa narrativa, em mim, uma mulher cisgênero, e uma mulher trans? Quais conflitos e tensões enfrentaríamos? Quais histórias contaríamos e viveríamos juntas?

Assim, com estes questionamentos em mente, meu objetivo geral é compreender as narrativas construídas no relacionamento ético entre uma mulher trans e eu, mulher cisgênero, sobre as histórias que nos constituem e como as expressamos. Meus objetivos específicos são descrever e analisar as experiências vividas por mim e pela participante, na ética relacional, buscando entender como eu me expesso enquanto pesquisadora narrativa iniciante e mulher cisgênera, e também descrever e analisar as experiências vividas pela participante buscando compreender como ela se expressa como uma mulher trans.

Pude perceber que esta preocupação em entender e compreender as narrativas de pessoas trans está presente em vários trabalhos, sobretudo no ambiente escolar.

Na dissertação de Lopes (2017), o objetivo era levantar as trajetórias escolares de pessoas trans na cidade de Porto Velho, além de analisar as relações que existem nos processos de escolarização, referente a expressões de gênero e sexuais, das pessoas entrevistadas. O referencial teórico utilizado foram autores que tinham embasamento em epistemologia *queer*,

² As histórias secretas (*secret stories*) são aquelas que ocorrem em reuniões, salas de aula de portas fechadas e vividas somente em espaços seguros (CLANDININ; CONNELLY, 1995).

³ As histórias sagradas (*sacred stories*) são aquelas histórias concretas e universais, entendendo que a teoria é mais importante que a prática, deixando o espaço e o conhecimento profissional em segundo plano (CLANDININ; CONNELLY, 1995).

⁴ As histórias de fachada (*cover stories*) são aquelas nas quais as pessoas, que vivem as histórias, mudam ou distorcem os fatos para se adequar às histórias sagradas (CLANDININ; CONNELLY, 1995).

para problematizar sobre como os conceitos de sexo, gênero e sexualidade interferem na subjetividade, e também nos Direitos Humanos, para abordar como as diversas expressões sexuais e de gênero são interrogadas como desrespeito aos direitos sociais normativos.

A pesquisa de Lopes (2017) teve cinco participantes: uma estudante de graduação, uma professora de mestrado, duas estudantes do Ensino Médio e duas mulheres trans com Ensino Médio incompleto. Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas e gravadas, que resultaram nas histórias narradas. As narrativas foram analisadas de acordo com as singularidades de cada participante, com o intuito de compreender suas histórias e identificar aspectos comuns nas narrativas de todas as participantes. Os resultados permitiram perceber marcas nas subjetividades das participantes referentes às vivências de gênero e sexualidade, e a existências de pessoas, nos seus cotidianos, que representam uma rede de apoio. Contudo, pode-se concluir que as escolas ainda apresentam formas disciplinares normativas em relação às expressões de gênero e sexuais, e a Psicologia Escolar tem muito a contribuir para desestabilizar essas formas normativas de aprendizagem que se mostram excludentes no que se refere às diferenças no ambiente escolar.

Na tese de Proença (2017), o objetivo é apresentar o termo “pedagogias do subterrâneo”, criado pelo autor a partir de leituras durante o percurso da pesquisa e de vivências no e do cotidiano escolar. Seu recurso metodológico foi construído a partir de narrativas trans, em conversas cotidianas. O referencial teórico foi organizado para refletir sobre o panorama político atual, dialogando com pesquisadores e ativistas nacionais e internacionais de modo que apontem para as “pedagogias do subterrâneo”, nas narrativas trans, acontecendo nos cotidianos das escolas. O conceito de “pedagogia do subterrâneo” implica em situações que se passam no cotidiano escolar e não são percebidas, que são consideradas não importantes e não merecedoras de reflexões, como, por exemplo, a descoberta do corpo e da sexualidade. Segundo o pesquisador, este conceito é uma aposta para que se faça emergir práticas educacionais libertadoras no cotidiano escolar e que transborde a vida das pessoas que vivem nas margens da normatividade. Portanto, essa pedagogia não se satisfaz com as macropolíticas, ela se faz presente nas situações cotidianas das escolas considerando diferentes sujeitos e seus diversos modos de existências.

Entre as dissertações e teses que encontrei sobre as narrativas de pessoas trans, somente a pesquisa de Santos (2017) tratava da perspectiva teórico-metodológica da pesquisa narrativa a qual utilizei nessa dissertação. Apesar disso, não encontrei nenhuma pesquisa narrativa que abordasse histórias de pessoas trans fora do ambiente escolar e que especificasse a ética

relacional e o espaço seguro criados por uma pesquisadora cis e uma participante trans. Dessa forma, esta pesquisa é relevante por trazer esta discussão à tona.

É importante ressaltar que a minha pesquisa se insere no campo dos Estudos da Linguagem, pois estuda as relações entre língua, linguagem e cultura, nas significações e representações das interações humanas, em diferentes contextos sociais e culturais. As experiências que narro nesta pesquisa estão relacionadas a linguagem, pois como afirma Moita-Lopes (2006a), as narrativas são uma das formas de construir as realidades sociais que criam a nossa vida, além de ser um fator que comprova e controla a realidade e seus atores sociais, os sentidos e as relações de poder, e os contextos culturais e institucionais específicos.

É assim que o ato de “contar uma história fornece um auto-retrato: uma lente linguística através da qual se podem descobrir as visões (um tanto idealizadas) das pessoas sobre elas mesmas como localizadas em uma situação sociais” (Schiffrin, 1996, p. 199). É essa lente linguística, por assim dizer, que a pesquisa relatada aqui quer investigar, com a finalidade de examinar como quem conta uma história está se construindo à luz dos personagens da narrativa no mundo da história (Johnstone, 1993) como também em relação a quem é o interlocutor no mundo social. (MOITA LOPES, 2006a, p. 65).

Assim, se é pela linguagem que podemos narrar como atuamos e nos expressamos socialmente, é através dela que as mulheres trans contam suas histórias para que pessoas possam tomar conhecimento e refletir sobre as suas experiências. Desse modo, minha pesquisa pode contribuir para o conhecimento de novas histórias sobre as vivências de uma mulher trans através da ética relacional, para que possamos problematizar, por meio da linguagem, sobre como ela se expressa e vive a ética relacional.

Ademais, escolhi escrever o meu texto no feminino, pois queria fazer uma provocação. Quando me refiro “as participantes”, “as pesquisadoras”, e “as leitoras” não significa que estou excluindo os homens da minha escrita e da minha existência, mas sim que entendo que o lugar deles, na pesquisa acadêmica, como seguro e privilegiado. Portanto, arrisquei-me a escrever uma dissertação no feminino. Escolhi também, escrever as narrativas das minhas experiências e as da participante com fonte e tamanho diferente, com o intuito de chamar atenção, pois é a principal parte do texto.

Apresentei nesta seção, as experiências que compuseram minhas narrativas iniciais e me ajudaram a estruturar o *puzzle* de pesquisa (indagações), expor as justificativas e os objetivos. Esta dissertação está dividida em três partes: o referencial teórico, a metodologia, as narrativas e as composições de sentido das experiências das participantes. No capítulo adiante, apresento o referencial teórico.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, apresento, inicialmente, os pontos axiais que transpassam a transexualidade, ou seja, conceitos que se encontram para que se possa problematizá-la (SANTOS, 2017; JARDIM, 2016; RODRIGUES, 2016). Também apresento as problematizações dos conceitos através de teorias do movimento transfeminista, por três mulheres trans, acadêmicas e ativistas transfeministas (DUMARESQ, 2014a, 2014b; RAMÍREZ, 2014; BAGAGLI, 2014); depois falo sobre a importância de incluir pautas trans no movimento feminista cis (LUPPI, 2019), além de apresentar as aproximações da teoria *queer* (BUTLER, 2006) e os Estudos da Linguagem (LIVIA; HALL, 2010; MOITA LOPES, 2006a; ROCHA, 2013).

1.1 Heteronormatividade e cisheteronormatividade (cis-heteronormatividade)

Para problematizar a transexualidade, irei expor alguns conceitos que ajudam na construção do seu significado. O primeiro conceito que considero importante explicitar é o de heteronormatividade, pois se trata da junção dos vocábulos hétero e normatividade: hétero significa outro, antônimo de “homo”, que significa igual. Tomando o termo hétero, em relação à sexualidade, a palavra heterossexual diz respeito à atração de uma pessoa por outra de sexo diferenciado, enquanto a palavra homossexual diz respeito à atração de uma pessoa por outra do mesmo sexo (SANTOS 2007).

Considerando o termo heteronormatividade, o vocábulo normatividade diz respeito a algo que regula, torna igual ou segue uma norma. De tal modo, comparando com o eixo da sexualidade, a heteronormatividade é caracterizada como um parâmetro de normalidade sexual, ou seja, designa normas sobre atração e comportamento sexual entre indivíduos de sexos diferentes. Esse termo foi criado por Michael Warner em 1991. Desde então, na perspectiva da constituição da linguagem, é usado para problematizar o modo como as sociedades são regularmente organizadas (SANTOS 2007).

Não obstante, Santos (2007) explicita que essa palavra determina, culturalmente, quais são as normas e o que é normal em uma relação heteroafetiva. Isso explica que a heterossexualidade e a heteronormatividade impostas na cultura brasileira têm um contexto histórico, relacionado com formas específicas de poder, em um determinado tempo e lugar.

Sobre o conceito de cisheteronormatividade, Dumaresq (2014a) defende que seu uso tem muito a acrescentar aos debates transfeministas. A terminologia cis tem a sua origem desconhecida, no entanto, a utilização nas comunidades trans começou na década de 90. A autora aponta que não

se podem restringir os termos somente ao meio acadêmico, assim, ela expõe a opinião de diversas mulheres trans sobre o que elas entendem sobre a cisgeneridade.

Vou me atentar somente a duas definições, das cinco que Dumaresq (2014a) traz em seu texto. A primeira, de Julia Serrano (2011), é marcada pelo biologicismo do saber médico e da patologização das pessoas transgêneras, os quais dificultam que as mesmas definam as suas expressões.

Como alguém que foi designada masculina ao nascer, mas que vive e identifica-se como feminina, eu devo ser descrita como uma mulher transexual, mulher transgênera ou mulher trans. Aquelas mulheres que (diferentes de mim) foram designadas femininas ao nascer, devem ser descritas como mulheres cissexuais, mulheres cisgêneras ou mulheres cis (DUMARESQ, 2014a, p. 1).

O segundo conceito, de Hailey Kaas, foi divulgado no *blog* Transfeminismo. Kass mostra uma posição diferente no movimento transfeminista, pois apresenta uma concepção política, da cisgeneridade não como um fato biológico e psíquico, mas como uma forma de expressão da identidade. A definição abaixo mostra o porquê de esse termo abranger as diversas formas de definição sem perder o contexto histórico, semântico e a realidade das pessoas trans.

[...] ser cis é uma condição principalmente política (mas não só). A pessoa que é percebida como cis e mantém status cis em documentos oficiais não é passível de análise patologizante e nem precisa ter seu gênero legitimado. Ora, homens são homens, mulheres são mulheres e trans* são trans* correto? Não. Historicamente a ciência criou as identidades trans* (e por isso já nasceram marginalizadas), mas não criou nenhum termo para as identidades consideradas “naturais”. É por isso que a adoção do termo cis denuncia esse pseudo status natural. Nomear cis é o mesmo processo político de nomear trans*: aponta e especifica uma experiência e possibilita sua análise crítica. Nas produções acadêmicas contemporâneas, tanto das ciências médicas quanto das sociais, a identidade trans* é colocada sempre sob análise, tornando-se, compulsoriamente, objeto de crítica. Ao nomearmos xs “normais” possibilitamos o mesmo, e colocamos a categoria cis sob análise, problematizando-a. **Buscamos o efeito político de elevar o status de pessoas cis ao mesmo das pessoas trans*: se pessoas trans* são anormais e doentes mentais, pessoas cis também o são, suas identidades também não são “reais”; se pessoas cis são normais e suas identidades naturais, pessoas trans* também são normais e suas identidades tão reais quanto.** (DUMARESQ, 2014, p.1 grifo da autora).

No entanto, Dumaresq (2014a) problematiza que a demanda não atendida pela cisgeneridade evidencia a exclusão das pessoas trans, pois quando se fala de gênero e corpo, as histórias de vidas trans desaparecem. Enquanto mulher trans, a autora faz uma crítica a pesquisadores acadêmicos quando ultrapassam o seu limite metodológico, cometem erros conceituais e proferem falsas conclusões. Concordo com a autora, reconhecendo que, além de

conhecer teorias e conceitos, devo conhecer e honrar as histórias da participante desta pesquisa, ser cuidadosa em relação à forma com que as experiências vividas por elas são representadas neste texto de pesquisa e como elas veem as teorias que versam sobre elas. Além disso, tenho buscado me analisar, enquanto mulher cis, sacudindo os pressupostos que porventura me colocam na classificação normativa.

Quando fala de cis-heteronormatividade, Jardim (2016) entende que a cisgeneridade, assim como a heterossexualidade, se caracteriza como um regime político e social que condiciona a vida das pessoas. Atualmente, considerando todos os saberes produzidos, a autora fala que o conceito de heteronormatividade precisa ser ampliado e englobar a cisnormatividade. Então, conceitua a cis-heteronormatividade como um conjunto de normas que estão relacionadas à imposição da concordância linear entre a realidade corporal e a realidade psíquica, assim uma pessoa nasce com um determinado sexo e gênero e assim se expressa ao longo da vida, sem ambivalências corporais ou psíquicas.

Jardim (2016) ressalta que a imposição da cisnormatividade também inclui as pessoas trans e seu processo de hormonização e cirurgias (redesignação sexual). Assim, a sociedade consegue uma aproximação dos padrões normativos de masculinidade e feminilidade. Por exemplo, quando uma mulher trans decide passar por procedimentos hormonais e estéticos, numa tentativa de se aproximar dos padrões normativos de como uma mulher deve ser, dizemos que ela é “passável”. Assim, a experiência identitária transexual é construída, é sustentada pela passabilidade. A passabilidade, de “passar por”, é a característica de pessoas trans passarem por pessoas cis, ou seja, é a característica de conseguir apagar ao máximo seu sexo imposto ao nascer e colocar características sociais do sexo que deseja ser reconhecido. É uma ação que aponta para a produção social do gênero quando estes sujeitos performam sua imagem e sua gestualidade. (FERREIRA, 2017).

Ramírez (2014), quando perguntou para a mulher trans e mestre em Cultura e Sociedade, Viviane Vergueiro, sobre o que ela entende por cisgeneridade, escreveu:

Cisgeneridade eu entendo como um conceito analítico que eu posso utilizar assim como se usa heterossexualidade para as orientações sexuais, ou como branquitude para questões raciais. Penso a cisgeneridade como um posicionamento, uma perspectiva subjetiva que é tida como natural, como essencial, como padrão. A nomeação desse padrão, desses gêneros vistos como naturais, cisgêneros, pode significar uma virada descolonial no pensamento sobre identidades de gênero, ou seja, nomear cisgeneridade ou nomear homens-cis, mulheres-cis em oposição a outros termos usados anteriormente, como mulher biológica, homem de verdade, homem normal, homem nascido homem, mulher nascida mulher, etc. Ou seja, esse uso do termo cisgeneridade, cis, pode permitir que a gente olhe de outra forma, que a gente desloque essa posição naturalizada da sua hierarquia superiorizada,

hierarquia posta nesse patamar superior em relação com as identidades Trans*, por exemplo (RAMÍREZ, 2014, p. 16).

Ramírez (2014) explica a necessidade de entender a normatividade cisgênera como a normatividade eurocêntrica, pois olhar somente para as identidades de gêneros sem situá-los num contexto de poder branco e machista, cristão e eurocêntrico seria uma fraqueza teórico-política. Assim, o uso do termo cis se caracteriza por uma política econômica das demandas. Por isso, é importante que se tenha o pensamento crítico-reflexivo para questionar como essas práticas interferem nas vidas de pessoas trans.

Diante das considerações expostas, Bagagli (2014) aponta que falar de cisgeneridade é falar sobre o elemento faltoso que envolve os conceitos de gênero e sexo. Isso inclui falar sobre abjeções, normatividades, resistência, equívocos, alteridades, lugares de fala e também sobre questões linguísticas e dicotômicas que os termos cis e trans refletem e problematizam. Não é possível pensar a transexualidade sem esbarrar em algum conceito ou problemática cis. Essa é a característica que define o movimento transfeminista.

Sendo assim, ao atrelar os conceitos de cisgênero e heterossexual, é possível determinar em uma sociedade o que é “normal” e também o que é “anormal”, tendo a sexualidade como referência, além de, na esfera política, pensar em formas de resistência a esse sistema de heterocisnormatividade. Nesse parâmetro, o eixo da orientação sexual e das identidades de gênero envolve heterossexismo/homofobia e cissexismo/transfobia. É através da resistência à normatividade que as vozes das pessoas marginalizadas vão se emergindo (BAGAGLI, 2014). O interesse em pensar as identidades trans, demonstrado por psiquiatras, psicólogos e o feminismo radical, categoriza e patologiza, devido à falta de conhecimento das experiências e realidades das próprias pessoas trans, vividas e narradas por elas. A falta de conhecimento dessas histórias favorece o controle biopolítico dos corpos e das identidades trans, tendo como referência questões relacionadas às mulheres cis (na maioria das vezes, brancas, hetero e de classe média) tão abordadas pelo movimento feminista (BAGAGLI, 2014).

Portanto, as pessoas que se consideram cisgêneras não sentem a necessidade de se declararem como tal, no entanto, as pessoas trans são solicitadas a declararem-se como tais, para alcançar a emancipação, entender a transgeneridade como uma experiência identitária descolonizada e criticar as formas normativas pelas quais os estudos de gênero representam as mulheres e os homens. Desse modo, a crítica transfeminista a qualquer estudo de gênero e às teorias feministas está em apontar lacunas e colonizações feitas sobre a temática trans, além de

propor novas áreas do saber e ativismos políticos considerando as interseccionalidades de raça, cor, gênero, etnia, entre outros (BAGAGLI, 2014).

Desse modo, quando Butler (2006) anunciou que o gênero não existe, quis dizer que na sociedade patriarcal, machista, branca e de classe média alta em que vivemos a categoria de gênero engloba homens ou mulheres que se encaixam em um padrão já estabelecido, que ela chama de heteronormatividade compulsória. Sendo assim, essa categoria não engloba mulheres negras, indígenas, trans, pobres, entre outras.

Desse modo, a principal característica do movimento feminista seria não se estabilizar com uma única forma de pensamento político, mas sim questionar mais as identidades subalternas e marginalizadas, que vivem à beira da sociedade (RODRIGUES, 2014). Butler (2006) defende que gênero é uma construção social, segundo a qual não se deve cobrar por normalidade ou adequação. Assim, há desvios, desejos, singularidades e múltiplas identidades. Não faz sentido sustentar uma dicotomia cisgênero/transgênero, pois não há nenhuma pessoa que se adapte às convenções sociais normativas (RODRIGUES, 2014).

Sobre a discussão de gênero, Butler (2006) afirma que os gêneros são os atos performativos, ou seja, a construção da identidade é uma imitação, uma simulação. Quando uma criança nasce, ela é inserida na identidade de gênero através da linguagem: — É uma menina! É um menino! Gênero, portanto, não é natural, nem fixo, mas algo que construímos, e é performático.

Por fim, Rodrigues (2014) fala que os escritos de Butler (2006), posteriores ao de Beauvoir (1980), explicitam que o performativo “tornar-se” pode servir a qualquer pessoa. Então, conclui que o (cis)gênero não existe, pois, necessitaria de uma identidade fixa, como em mulheres que tem “vaginhas originais de fábrica”, como se a natureza biológica fosse capaz de oferecer um selo de originalidade.

Destarte, em contraposição ao texto de Rodrigues (2014), Dumerasq (2014b), em *Comentário do texto O (cis)gênero não existe*, aponta a crítica de que a questão cis não toca a questão das adequações da norma de gênero. O conceito cis não está em concordância com as inadequações de gênero para existir, é justamente o contrário, ou seja, não existe somente uma forma de ser cis, assim como não existe somente uma forma de ser trans. Dessa forma, é complicado tecer problematizações sobre adaptações de gêneros, porque tal ideia não comporta as diversas formas de existências, tanto de pessoas cis, como de pessoas trans. Cada pessoa é única e tem a sua própria história para contar.

É importante ressaltar que o movimento transfeminista vem sendo estruturado desde a segunda década do século XXI, a partir de textos introdutórios como *Introdução ao*

Transfeminismo, de Hailey Alves (2012), o qual destaca autores como Sandy Stone (1987), Sylvia Rivera (2007), Kate Bornstein (2012), Julia Serano (2012), Emi Koyama (2001) e Patrick Califia (2003). Sendo assim, o movimento é caracterizado por uma linha de pensamento que visa alguns princípios como: 1) à redefinição das comparações entre gênero e biologia; 2) a reiteração do caráter interacional das opressões; reconhecimento da história de lutas das travestis e mulheres transexuais, 3) e experiências pessoais de pessoas transgênero com elementos fundamentais para o entendimento do movimento feminista; e por fim, 4) a validação das contribuições de quaisquer pessoas, sejam transgêneros ou cisgêneros, ou seja, é válido para qualquer pessoa que não se adapte ao modelo sexista de sociedade que vivemos (JESUS, 2013). Assim, o movimento transfeminista busca trazer contribuições para ampliar e avançar o movimento feminista, através da luta e histórias de mulheres trans e cis, englobando diferentes políticas, vivências, histórias e militâncias feministas. Também reconhece as diversas identidades e identificações das pessoas e as opressões de corpos que não se encaixam no modelo normativo social, além de buscar formas de empoderamento desses múltiplos corpos e das diversas expressões sexuais (JESUS, 2013).

Contudo, no Brasil, segundo Jesus (2013), o pensamento do movimento transfeminista está em construção, o que significa que ele não está sendo importado, mas sim ressignificado e elaborado de acordo com as realidades das pessoas trans. Caracterizado como um dos movimentos feministas da terceira onda, o movimento transfeminista reconhece as diversas formas de sexismo e opressão nos movimentos sociais, através de narrativas e denúncias de pessoas trans excluídas, por militantes, de uma forma estereotipada e com olhares preconceituosos sobre a sua história de vida. Destarte, o desafio é delimitar os espaços do movimento, com olhares atentos que permitam *trans-formar-se*.

1.2 A importância de incluir as pautas de mulheres trans nas discussões feministas cis

No texto *O feminismo precisa das mulheres trans*, Luppi (2019) aponta que há poucas mulheres trans nos espaços feministas e pouco esforço das feministas em trazê-las para os espaços de militância. Algumas mulheres do movimento feminista radical apontam que incluir as pautas trans no feminismo cis, desviaria o foco das questões que o movimento reivindica. No entanto, atualmente, as preocupações interseccionais estão crescendo no movimento e as vozes das mulheres trans são de suma importância para discutir assuntos como: violência machista, prostituição e exploração do trabalho feminino.

Outra questão (muito delicada), apontada para a exclusão de mulheres trans da pauta feminista é que elas estariam em vantagem em relação às mulheres cis devido a sua socialização

masculina na sociedade. Assim, elas estariam muito distantes das pautas de discussão sobre as opressões e violências que as mulheres cis sofrem diariamente. No entanto, Luppi (2019) aponta que não se podem generalizar as histórias de vida e os processos de transição.

Assim, o que falta para o movimento feminista é o diálogo entre as várias vertentes. Faltam espaços de diálogos e acolhimento para mulheres trans e mulheres cis contarem suas histórias e se conhecerem. Entendo que todas as histórias de vidas têm privilégios (ou falta deles) diferentes, no entanto, há pontos em comum (de opressões) nas narrativas femininas: o machismo.

Dessa forma, entendo que o melhor caminho é contar suas histórias e compor sentidos das experiências vividas. Não obstante, outra questão apontada por Luppi (2019) é a de que devemos refletir sobre os privilégios. A autora aponta que uma delas é a de que o privilégio cis não existe, pois o pré-requisito inicial seria que um grupo exercesse poder sobre outro grupo social, beneficiando-se diretamente da subordinação desse outro grupo. Assim, mulheres cis não teriam privilégios sobre as mulheres trans, do mesmo modo que não se pode dizer que a socialização masculina é um privilégio das mulheres trans sobre as mulheres cis.

Contrária à concepção de privilégio citada acima é a de que um grupo é favorecido ou não em relação a outro, devido a um sistema de normatividade. Nessa lógica, a mulher heterossexual não exerce poder sobre a mulher lésbica ou a bissexual, no entanto, é favorecida em certos ambientes por se adequar à heteronormatividade. Também, a mulher cis pode não contribuir diretamente para a transfobia, no entanto, é privilegiada por ser reconhecida por seu próprio gênero (LUPPI, 2019).

Luppi (2019) ainda aponta que há mais uma questão que insiste em fazer parte da pauta para excluir mulheres trans do movimento feminista: os estereótipos de gênero. Isso significa dizer que as mulheres trans vão defender o uso de silicones, saltos altos, maquiagens e depilações, quando as mulheres cis insistem em dizer que todos esses artifícios são imposições que a sociedade prega ao corpo feminino. Esse argumento, em partes, não se sustenta, pois o movimento feminista não tem a intenção de intervir e opinar sobre o corpo de ninguém. Desse modo, uma mulher cis, quando escolhe se maquiar, colocar silicone, usar salto alto e se depilar, irá refletir se o faz por ela mesma ou para satisfazer os desejos masculinos e submeter-se às imposições sociais.

Luppi (2019) traz em seu texto um relato de uma mulher trans dizendo que os estereótipos de gênero são a única via pela qual elas têm suas identidades e corpos respeitados, além de acessos a tratamentos e procedimentos médicos, o motivo pelo qual não são assassinadas e também para terem oportunidades, em uma sociedade predominantemente

cisgênera e patriarcal. Portanto, reforça-se a necessidade de ter mulheres trans no movimento feminista, dialogando e participando das discussões.

Não menos importante, a história do movimento feminista é constituída pelas diferentes sistematizações e problematizações do que é ser mulher. Primeiramente, buscou-se igualar os direitos civis das mulheres aos dos homens, no entanto, hoje isso não é suficiente. É necessário entender e interrogar as desigualdades de gênero ocasionadas pela falta de direitos civis, questionando o capitalismo e como ele se aproveita para explorar o trabalho das mulheres. Assim, vendo o movimento feminista de uma perspectiva fechada biologicista, não é possível dar conta de atender às demandas das diversas formas de ser mulher (LUPPI, 2019).

Concordo com Luppi (2019) quando diz que o movimento feminista precisa de todas as mulheres (cis e trans) se unindo e dialogando. Coloco abaixo o trecho em que ela defende seu ponto de vista:

Precisamos das mulheres trans, em primeiro lugar, porque precisamos das mulheres em geral, de cada uma delas, com suas experiências e diferenças. Mas não só isso, precisamos das mulheres trans especificamente para nunca esquecermos que ser mulher não é uma identidade definida positivamente, a partir de características (biológicas ou não) que nos igualam. Na nossa sociedade, em geral, ser mulher significa antes de tudo que somos oprimidas diariamente pelo machismo. O patriarcado-capitalista tem efeitos diferentes sobre as mulheres cis e trans, brancas e negras, heterossexuais e não-heterossexuais, mas tem efeito sobre todas nós, enquanto mulheres. Ser mulher é uma “identidade negativa”, ou seja, que não se constitui por nossas características comuns, mas por nossa opressão em comum. Ser feminista, nesse sentido, é assumir que nossa própria existência enquanto mulheres desafia todo um sistema de exploração e opressão. (LUPPI, 2019, p. 1).

Quando estudo e questiono os conceitos que ajudam a construção do conceito de transexualidade e também quando penso sobre os questionamentos que o movimento feminista faz para incluir pauta de mulheres trans, busco refletir sobre a minha prática enquanto pesquisadora e mulher cis. Assim, posso refletir sobre os meus privilégios e pensar nas tensões entre as minhas experiências e as experiências da participante.

1.3 Teoria *queer* e os estudos da linguagem

As discussões contemporâneas sobre diversas novas formas de identidades revelam a complexidade social, política e linguística que vivemos atualmente, por isso, como afirma Jesus (2014, p. 614), vêm crescendo os estudos sobre “as relações de gênero-linguagem-sexualidade”. As reflexões advindas dessa complexidade geram discussões sobre feminilidade e masculinidade, e as experiências vividas em nossas interações em sociedade.

Butler (2018), em sua vinda ao Brasil, fez uma fala no SESC Vila Mariana — intitulada

*Repensando a Vulnerabilidade e a Resistência*⁵, na qual aponta que a palavra *queer* não é traduzível, no entanto, é possível apontar dois sentidos: 1) pode ser demonstrado como o que desvia, foge à norma, mecanismo que dá abertura ao inesperado; e 2) é o sentido de aliança, mais do que identidade, entre um grupo de pessoas que não encontram nada em comum e, também, na qual podem existir suspeitas e antagonismos. Assim, a palavra *queer* marca um campo de conexão erótico, político e de afirmação das diferenças, que não pode ser superada por uma identidade unificada. Tudo isso acontece na vida compartilhada em comunidade.

A partir de uma concepção de linguagem como aquilo que não apenas nos representa, mas também nos constrói continuamente (JESUS, 2014; LIVIA; HALL, 2010; MOITALOPES, 2006a) e considerando alguns pressupostos teóricos da teoria *queer*, como, por exemplo, sexo, sexualidade, gênero, performatividade e heteronormatividade (BUTLER, 2006), desenvolvi esta pesquisa com a participação de uma mulher trans.

Livia e Hall (2010) mostram que ao estudar linguagem e gênero é necessário considerar as questões de sexualidade ou orientação sexual como uma categoria não problemática, ligada as participantes e pesquisadoras. Nos anos de 1960 a 1970, surgiu um número considerável de pesquisas relacionando a linguagem à orientação sexual, as quais focalizavam seus resultados em análises lexicais, dando origem aos glossários e dicionários *gays* e *lésbicos*. O interesse da linguística com foco na linguagem de *gays* e *lésbicas*, durante esse período, aparece em contraposição com o interesse acadêmico de estudar a linguagem de homens e mulheres (heterossexuais) em todos os níveis linguísticos da fonologia, fonética, morfossintaxe, semântica, léxica e discurso.

O empenho pelo tema de pesquisa citado acima tem como foco de discussão os fenômenos linguísticos como: verbosidade, padrões entoacionais, semântica, e padrões discursivos. No entanto, segundo as autoras, essas pesquisas não apresentam explicações claras sobre o motivo da sexualidade não ser incluída como um critério de análise e então, supõem-se que os *gays* são incluídos no grupo masculino e as *lésbicas* no grupo das mulheres. Essa classificação tem uma suposição velada de que o compartilhamento de um gênero tem similaridade com a orientação sexual (LIVIA; HALL, 2010).

Foi em 1981, com o lançamento de Chesebro da primeira coletânea de artigos sobre a linguagem de *gays* e *lésbicas*, *Gayspeak: Comunicação entre Gays e Lésbicas*⁶, que a linguagem e o comportamento linguístico deles foram considerados. No entanto, essa coletânea

⁵ Original: *Rethinking Vulnerability and Resistance*.

⁶ Original: *Gayspeak: Gay Male and Lesbian Communication*.

ainda não abordava a linguística propriamente dita, mas sim a retórica e a comunicação. Em 1994, o livro *Palavras queer, Imagens queer: Comunicação e Construção da Homossexualidade*⁷, também abordam a retórica e a comunicação de gays e lésbicas, com exemplos de imagens midiáticas e concernentes ao processo de “sair do armário”. Por fim, somente em 1995, William Leap lança a coletânea *Além do Léxico Lavanda*⁸, dedicado especificamente a questões linguísticas (LIVIA; HALL, 2010).

O texto “*É uma menina!*”: *a volta da performatividade à linguística*, de Livia e Hall (2010), é considerado como o estopim teórico para a linguística *queer*. Nele as autoras apontam as principais influências da teoria *queer* para a linguística, originando a linguística *queer*. A finalidade deste texto é estabelecer um lugar para a linguística *queer* na linguística e também encorajar pesquisadores a olhar as premissas das raízes da linguística nos textos clássicos, para embasar futuras pesquisas sem equívocos teóricos.

Desse modo, na teoria *queer*, busco embasamento teórico para refletir e problematizar as fronteiras das relações de gênero, sexo, sexualidade, as diversas maneiras de identidades de gênero, tais como: lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais heterossexuais e transgêneros e também entender que “não existe identidade de gênero que preceda a linguagem”, ou seja, as identidades de gênero são construídas através da linguagem (JESUS, 2014, p. 616).

Sobre a teoria *queer*, Livia e Hall (2010) consideram importante pontuar alguns princípios que são fundamentais para a linguística e os estudos da linguagem, em seus contextos de produção acadêmica. O primeiro ponto a ser discutido é a política das identidades, que é caracterizada como um conceito usado para desestabilizar a posição política social normativa, usada para se referir às pessoas pertencentes a um grupo oprimido, como os negros, as mulheres, os indígenas e pessoas com deficiência. Esse conceito está ligado à questão de comunidade, que, por conseguinte, obedece a ordem de dar um lugar às pessoas com autoridade e influência política. Então as autoras apontam que, seguindo essas lógicas, os oprimidos é que acabam devendo lutar pelos seus direitos e a não marginalidade de suas existências, e em consequência disso, a academia não teria interesse em produzir saberes sobre a realidade dessas pessoas como um fenômeno a ser estudado (LIVIA; HALL, 2010).

A crítica mais pontual que a política das identidades recebe é a de ser essencialista, ou seja, subentende-se que todas as identidades são categorias não problemáticas e as relações em sociedade advêm dela. Há estudos linguísticos sobre as falas de homens e mulheres que não

⁷ Original: *Queer Words, Queer Images: Communication and the Construction of Homosexuality*.

⁸ Original: *Beyond the Lavender Lexicon*.

consideram os parâmetros sociais, como gênero, raça, sexo, etnia, geração e posição política, mas que consideram o gênero como uma categoria que gera outras subdivisões. Desse modo, a crítica às teorias feministas é pautada pela contraposição com a teoria *queer* e a incapacidade de desenvolver uma teoria com o foco nas relações e no discurso de pessoas LGBTQ+ (LIVIA; HALL, 2010).

Apesar disso, os dois enfoques teóricos citados acima fornecem aparatos para pesquisas em linguística *queer* (BORBA, 2014, 2015; BUTLER, 2006) e pesquisas fundamentadas em uma perspectiva indisciplinar *queer* em Linguística Aplicada (BUTLER, 2006; FABRICIO, 2017; JESUS, 2019; MOITA-LOPES, 2006a). As pesquisas em linguística *queer* buscam entender como os falantes da língua lidam com as ideologias sociais impostas sobre as diversas identidades sexuais que não condizem com a heteronormatividade (BORBA, 2015). Já a minha pesquisa, que é fundamentada em uma perspectiva *queer* da Linguística Aplicada (BUTLER, 2006; FABRICIO, 2017; JESUS, 2019; MOITA-LOPES, 2006a) busca contar histórias vividas por duas mulheres, uma cis e uma mulher trans, e compor sentidos das experiências, buscando pontos de tensões nas histórias vividas e narradas.

Assim, a Linguística Aplicada Indisciplinar (FABRICIO, 2017) é aquela que se afasta de uma vertente que visam somente à aplicação da linguística. Ela é indisciplinar porque não se preocupa em pensar questões puramente linguísticas, mas também com os atravessamentos teóricos nas ciências humanas e sociais, ou seja, busca transcender os limites do conhecimento humano e criar uma relação entre os problemas sociais, a linguagem, as experiências e as narrativas. Ela é igualmente transdisciplinar porque aborda diversas disciplinas com o intuito de ser uma abordagem mais abrangente do conhecimento (MOITA-LOPES, 2006a; JESUS, 2019).

Segundo Livia e Hall (2010) é importante entender o determinismo linguístico (a língua que falamos determina a nossa percepção da realidade) e a relatividade linguística (não aceitação de crenças relacionadas à morfologia linguística e desenvolvimento cultural) dos conceitos. As pesquisadoras apontam que não é possível estudar o discurso de *gays*, lésbicas, bissexuais e transgêneros de forma transcultural ou trans-histórica se os conceitos forem definidos de acordo com as especificidades de cada cultura e não sendo generalizáveis. Assim, é nesse contexto que a teoria da performatividade de gênero de Butler (2006) faz sentido para mim, pesquisadora narrativa. A performatividade é caracterizada por enunciações novas que não revelam a verdade sobre o mundo, mas agem sobre ele. Os atos performativos são atos de fala que ditam as leis que configuram as vontades das autoridades, promovendo o poder de intimidação sobre os corpos e identidades das pessoas (LIVIA; HALL, 2010).

Gênero, então, é tido como performativo porque, como ocorre com a clássica elocução “É uma menina”, elocuições de gênero não são nunca meramente descritivas, mas prescritivas, exigindo que a endereçada aja de acordo com as normas vinculadas a gênero e, além disso, que crie um gênero apropriado em cada ato culturalmente percebido que ela realizar, desde a maneira como penteia o cabelo até a maneira como caminha, fala ou sorri. Gênero é considerado não simplesmente como se adequando a “palavras para o mundo”, na forma de uma constatação clássica caracterizada pela veracidade ou falsidade, mas, de importantes maneiras, trazendo aquela situação para a realidade sob determinadas condições de felicidade, adequando “o mundo às palavras pronunciadas” [...] (LIVIA; HALL, 2010, p. 122).

Butler (2006) argumenta que quem pronuncia um ato de fala performativo, pensa que está apenas enunciando uma ação, no entanto, está reproduzindo leis e normas regulatórias formuladas culturalmente pela classe dominante e a pesquisa de Rocha (2013) nos ajuda a entender essa questão. Ao apresentar um estudo teórico-analítico da sociolinguística interacional, desenvolvido no ano de 2010, em uma turma de primeiro ano do Ensino Médio, de uma escola pública do ensino federal básico no Rio de Janeiro, Rocha (2013) utilizou a metodologia da pesquisa-ação chamada “performativa”. Enfatizando a visão performativa da linguagem e da sexualidade, que buscava dar foco às noções sociais que produzimos através de nossas pesquisas, a investigação se pautou nos estudos entre performance e performatividade, mostrando a importância da visibilidade dos breves momentos que desestabilizam o sujeito, exibindo onde a performatividade está e também revelando a inauguração de novas relações sociais indexicais do sujeito.

A sua inquietação de pesquisa foi movida pelas práticas de letramento autônomas universais, em conjunto com formas de existências não autorizadas por essa prática autônoma. Nos temas de gênero e sexualidade, Rocha (2013) percebeu que a sua realidade escolar era heteronormativa e assim, em sua pesquisa, buscou formas de *queerizar* o letramento escolar tradicional, elaborando uma proposta pedagógica que buscava discutir as sexualidades como performances, segundo Butler (2006). Concluiu, ao final da tese, que ao fazer os participantes de sua pesquisa entrarem em contato com um mundo, no qual a sexualidade é cada vez mais abordada (sem tabus), poderia provocar (neles) novas indexicalidades na sala de aula. No entanto, os efeitos dessas ações serão esclarecidos quando houver confrontos performativos em novas e futuras interações sociais.

2. METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo, apresento o contexto, as participantes da pesquisa, as questões teórico-metodológicas da pesquisa narrativa, os instrumentos utilizados para compor textos de campo e como fiz a composição de sentidos das experiências vividas.

2.1 Contexto

Meu interesse inicial de pesquisa era em ter duas mulheres trans participando com suas histórias e experiências de vidas singulares, no entanto, no decorrer do desenvolvimento da pesquisa e frente à dificuldade de comunicação durante a pandemia, perdi o contato com a segunda participante. Dessa forma, por questões éticas, preferi não abordar as suas histórias devido à incerteza de seu interesse em continuar vinculada à pesquisa.

Sendo assim, para encontrar a participante da pesquisa, questionei a algumas amigas e pessoas nas redes sociais se conheciam mulheres trans que se interessariam em participar da minha pesquisa. No meu ciclo de amizades, uma amiga do mestrado comentou comigo que estudou com uma mulher trans na infância e que estava interessada em participar. Então, entrei em contato pelo *Whatsapp*, me apresentei e expliquei do que se tratava a minha pesquisa e sua aprovação pelo Comitê de Ética (CEP), quais eram os objetivos, as minhas problematizações, a importância desse estudo e da participação dela. Optei por convidá-la para participar da pesquisa, pois ela mora na mesma cidade que eu e isso facilitaria a nossa comunicação e os encontros para discutir assuntos relacionados à pesquisa.

Após o aceite, marquei com a participante da pesquisa para assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual ela autorizou a divulgar seu nome, voz, opiniões, imagens de suas redes sociais. Ela preferiu que todos os nossos três encontros fossem na sua casa. Cada encontro teve a duração de duas horas e foram marcados de acordo com a necessidade de falar sobre a pesquisa. Durante a realização da pesquisa, mantive contato via *Whatsapp*, *Facebook* e *Instagram*.

Quando eu estava iniciando as conversas presencialmente, em fevereiro de 2020, começou a transmissão do Covid-19 no Brasil. No mês seguinte, a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou a doença como pandemia. Logo depois, foram confirmados os primeiros óbitos em São Paulo e Rio de Janeiro e não demorou muito para que chegasse a todos os cantos do Brasil. Por ser uma doença de fácil transmissão, todas fomos obrigadas a fazer isolamento social. Dessa forma, tive que reorganizar a estratégia para continuar as conversas com a participante. Sendo assim, impossibilitada de me encontrar pessoalmente com ela, as conversas, composições de sentidos e as negociações foram feitas por *Whatsapp*, através de mensagens de

texto, áudios e fotos.

2.2 Participantes da pesquisa

Participa dessa pesquisa uma pessoa, além de mim. As participantes são: eu, Sarah, mulher cis de 24 anos; e Rinara, mulher trans de 26 anos. Nós duas moramos em Catalão-GO e optamos por usar nossos nomes reais. Eu pedi para que Rinara compartilhasse uma foto e um texto sobre como ela gostaria de ser apresentada na pesquisa. Por fim, eu também escrevi um texto me apresentando e os textos prontos foram os seguintes:

2.3 Apresentação da Sarah

Meu nome é Sarah Thayne, tenho 24 anos, moro em Catalão-GO e sou psicóloga. Atualmente sou mestranda no Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) e faço especialização em Teoria e Técnica Psicanalítica, na UFCAT. Para mim, desenvolver uma pesquisa narrativa com uma mulher trans, sendo eu uma mulher cis, é um grande desafio, pois em muitos momentos questiono sobre a autenticidade do meu trabalho e também reflito sobre quem eu sou enquanto pesquisadora narrativa.

Foto 1: Sarah Thayne, 24 anos, em 2019.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

2.4 Apresentação da Rinara

Meu nome é Rinara Ribeiro Vicente, mulher trans de 26 anos e moro em Catalão-Go. Trabalho em uma empresa de limpeza, como auxiliar administrativa e busco meu sonho de cursar Pedagogia na UFCAT. No momento, estou aguardando a liberação da minha cirurgia de redefinição sexual e já fiz todos os procedimentos e protocolos exigidos.

Considero-me uma pessoa que intimida, pois expesso minhas opiniões com convicção, não dou liberdade total para as pessoas fazerem o que querem de mim e não dou a cara à tapa para as pessoas baterem. Já passei por muitas situações complicadas na vida e encaro tudo como aprendizado para me tornar uma pessoa melhor. Para mim, é importante participar dessa pesquisa, contando as minhas histórias, pois estou relatando como é ser uma mulher trans em dois mil e vinte. Será um registro para que eu possa acompanhar a minha evolução. Além de que, eu espero que outras mulheres trans possam ler este trabalho e se identificarem comigo.

Foto 2: Rinara, 26 anos, em 2019.



Fonte: arquivo pessoal da participante.

2.5 Minhas considerações sobre a pesquisa narrativa

Minha pesquisa é uma pesquisa narrativa (CLANDININ, CONNELLY, 2015) fundamentada em uma perspectiva *queer* da Linguística Aplicada (FABRICIO, 2017; JESUS, 2014, 2019; LIVIA; HALL, 2010; MOITA LOPES, 2006a, 2006b), pois engloba várias áreas do conhecimento, além de buscar contar as histórias vividas por mim e pela Rina, por meio da composição de sentidos das experiências, com atenção aos pontos de tensões e semelhanças, buscando honrar nossas experiências considerando e compreendendo mais profundamente a ética relacional.

Os pesquisadores narrativos Clandinin e Connelly (2015) apontam que um aspecto fundamental é que a pesquisa narrativa é considerada tanto como o método, quanto como o fenômeno. Esse aspecto fundamental diz respeito a compreender a experiência como um *continuum*, considerando o conceito deweyano, como um estudo narrativo de que as pessoas constroem experiências futuras a partir de outras passadas, com base nos critérios de continuidade (temporalidade), interação (sociabilidade) e lugar (espacialidade) no espaço tridimensional da pesquisa narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

Barcelos (2020) ressalta que a temporalidade se caracteriza através das experiências passadas e o anseio por novas. A sociabilidade refere-se aos sentimentos, esperanças, anseios das pesquisadoras e das participantes. Por fim, a espacialidade diz respeito com contexto da pesquisa e a história das participantes. Outro aspecto em relação a temporalidade, é que estamos em processo de desenvolvimento, ou seja, de “tornar-se” (BARCELOS, 2020).

Barcelos (2020) percebe ainda que a pesquisa narrativa é uma abordagem que abrange os dados da pesquisa no ponto de vista de composição de sentidos. Assim, há uma profundidade e influência na visão de mundo (pessoal e profissional) das pesquisadoras no processo de composição de sentidos das experiências narradas (BARCELOS, 2020).

Ainda em relação a pesquisa narrativa, Bengezen (2020) aponta que ela provoca no pesquisador um (re)pensar narrativamente, no qual as pesquisadoras transformarão o seu olhar sobre o mundo, sobre as diversidades e sobre os diferentes pontos de vista, no decorrer da pesquisa. Dessa forma, o diferencial da pesquisa narrativa é que ela tem o enfoque na forma como as pessoas contam a sua experiência, atentando para a ética relacional entre pesquisadora e participantes (BENGEZEN, 2020).

Por fim, Bengezen (2020) aponta que quando a pesquisadora entra no campo de pesquisa, se depara com histórias que já se iniciaram e quando sai do campo de pesquisa, deixa histórias pela metade. Assim, ao fazer os movimentos de viver, contar, reviver e recontar, as pesquisadoras narrativas honram as histórias das participantes na composição de sentidos.

Dessa maneira, ao colocar as narrativas das participantes em evidência e compor sentidos delas, abre-se um espaço de investigação de temas que são importantes para as participantes e que muitas vezes não são abordados. Esse espaço de investigação permite que a pesquisadora se posicione e preste atenção em quem está se tornando, no espaço tridimensional da pesquisa narrativa (BENGEZEN, 2020).

A partir da concepção de Dewey (1938) e no espaço tridimensional da pesquisa narrativa eu, como pesquisadora, busquei fazer os quatro movimentos da pesquisa narrativa, durante o processo de desenvolvimento desse trabalho, desde a composição dos textos de campo até a escrita dos textos de pesquisa: introspectivo, extrospectivo, retrospectivo e prospectivo. O movimento introspectivo refere-se às condições internas da pesquisadora e das participantes, como os sentimentos, esperanças, reações estéticas, disposições faciais e quem sou eu na pesquisa. O movimento extrospectivo refere-se às condições do meio ambiente em que a participante e eu estivemos. Os movimentos retrospectivo e prospectivo referem-se à temporalidade, isto é, passado, presente e futuro (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

Na pesquisa narrativa, segundo Clandinin e Connelly (2015), pesquisar uma experiência significa estar sempre refletindo e fazendo questionamentos que apontam os diferentes caminhos de pesquisa. Assim, a pesquisadora se posiciona na sua investigação, elabora perguntas, escreve textos de campo, interpreta e escreve um texto de pesquisa que aponta questões sociais, situações internas e externas, questões temporais, e reflete não somente sobre o presente, mas também o passado e o futuro (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

Destarte, Clandinin e Connelly (2015) concluem que o espaço tridimensional são aonde pesquisadoras narrativas vão percorrer retrospectiva e prospectivamente, introspectiva e extrospectivamente e se localizar. Sendo assim, compreendendo os termos da pesquisa narrativa somente como aparato teórico, as histórias seriam reduzidas apenas a interpretações e compreensões, com o intuito de afirmar as descobertas da pesquisadora. No entanto, percebendo-as como originárias da experiência, podemos pensar as histórias como geradoras de questionamentos, reflexões, enigmas, trabalhos de campo e textos de campo em diferentes aspectos da pesquisa (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

Clandinin e Connelly (2015) apontam outro aspecto importante para a pesquisa: através de histórias contadas (*telling*) ou de histórias vividas (*living*). Em ambas, tem-se o caráter de participação ativa da pesquisadora com as participantes, que constroem conjuntamente sentidos para estas histórias e compõem textos de pesquisas. A diferença entre elas é que na pesquisa com histórias contadas, o caráter é autobiográfico e a pesquisadora compõe textos de campo com base em experiências vividas antes da entrada em campo de pesquisa e na pesquisa com

histórias vividas, as experiências contadas são vividas depois da entrada em campo. Assim, a pesquisadora pode relatar a sua vivência no mesmo tempo em que acontece a pesquisa. (SANTOS, 2017).

Santos (2017) desenvolveu a pesquisa *Experiências de alunas e alunos LGBTQs e Identidade de gênero na escola*, com o intuito de contar narrativas de experiências de alunos\as e ex-alunos\as LGBTQs no ensino fundamental e ensino médio, ou seja, antes do início da pesquisa. Aborda temas como: solidão, culpa, corpo, *bullying* sofrido nas escolas, LGBTQs em escolas públicas e particulares, família e religião. Nessa pesquisa, foi possível perceber os recursos e as estratégias que os participantes utilizaram para sobressair às situações de preconceito e desrespeito no seu cotidiano. O pesquisador também é participante da pesquisa, ou seja, é uma pesquisa autobiográfica.

Sobre a perspectiva do vivenciar de histórias, Oliveira (2016) desenvolveu a sua dissertação de mestrado, *Histórias de atendimentos a alunos com necessidades educacionais individuais*, com o objetivo de narrar e discutir as experiências de aprendizagem em sala de aula do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Neste trabalho, a pesquisadora busca entender como as tecnologias digitais podem auxiliar para a sua prática de ensino inclusiva, bem como atender às necessidades individuais de aprendizagem dos alunos e refletir sobre a sua prática como professora de deficientes visuais. Esta pesquisa iniciou na prática de sala de aula da pesquisadora e se desenvolveu à medida que a vida dela, de seus alunos e a pesquisa eram vivenciadas, ou seja, não é autobiográfica.

A minha pesquisa narrativa, assim como a de Santos (2017), tem o caráter de histórias contadas, pois o meu foco está em ouvir as histórias sobre as experiências da participante antes do início da pesquisa, e a partir delas, vamos compor sentidos juntas. Eu escolhi esse caminho teórico metodológico pelo lugar que a experiência ocupa na pesquisa, pois acredito que minhas histórias e as da participante podem contribuir para estudos de feministas; e também porque me identifiquei com o contar e recontar das histórias, pois a partir delas, houve a possibilidade de mim e Rinara, reconstruirmos nossas histórias dando significados a elas, através da composição de sentidos.

2.6 Considerações sobre a ética relacional

Esta dissertação está direcionada para o relacionamento entre pesquisadora e participante, por isso falar da ética relacional é tão importante. É através dela que reflito como é desenvolver uma pesquisa sendo eu uma mulher cis e a Rinara, uma mulher trans. Pretendo nesta subseção expor algumas considerações sobre a ética na pesquisa, pois a minha maior

preocupação ao desenvolver esse trabalho era o relacionamento que eu desenvolveria com a participante e os seus efeitos refletidos nas composições dos textos de campo e de pesquisa.

Primeiramente, é importante ressaltar a ética na universidade. A minha pesquisa teve a aprovação pelo CEP e a participante assinou o termo de consentimento (anexo 1), escrito por mim, autorizando a divulgação do seu nome, voz, imagem e opinião nessa dissertação, em artigos, apresentações em eventos. Esse termo tem duas cópias, uma está guardada comigo e a outra está com a participante. Também, é importante falar sobre a ética relacional, ou seja, a responsabilidade que tenho enquanto pesquisadora.

Dessa maneira, de acordo com Caine, Lessard e Clandinin (2019), a ética relacional caracteriza-se pelo reconhecimento da construção da pesquisa com as participantes, considerando as incertezas adjuntas ao processo da pesquisa. Na experiência da pesquisa narrativa, não é simples achar respostas para as questões sobre o que é viver ou não viver eticamente. Por isso, eu, enquanto pesquisadora narrativa, tive o cuidado ao me posicionar frente ao posicionamento das participantes (CAINE; LESSARD; CLANDININ, 2019, p. 3).

Nesse trabalho, eu e Rina nos engajamos em um processo de colaboração mútua que envolveu muitas negociações (sobre o anonimato ou não, sobre as histórias das narrativas, como nos sentíamos em relação à pesquisa, sobre os temas que abordaríamos na dissertação e sobre as fotos, quais sentidos iríamos co-compor de nossas experiências) durante o desenvolvimento da pesquisa. Para isso, foi necessário que construíssemos um relacionamento ético, que representasse um espaço seguro que permitisse o compartilhamento de nossas histórias.

Segundo Clandinin, Lessard e Caine (2012), é através da ética relacional que participantes e pesquisadoras vão compondo um espaço de investigação narrativa por meio da vida, do contar e do recontar de histórias, que moldam o nosso reviver de experiências. Dessa forma, cria-se um espaço seguro para explorar, improvisar e experimentar outras possíveis narrativas de quem as pesquisadoras e às participantes podem ser e se tornar. Estar em um espaço seguro significa estar atento as tensões, para as histórias que nos constituem que moldam as relações entre as participantes e as pesquisadoras, e as suas respectivas responsabilidades (CLANDININ; LESSARD; CAINE, 2012).

Quando entrei no campo de pesquisa, eu estava marcada pelas histórias que vivi nas instituições que estudei e pelas narrativas que construí social e pessoalmente. No entanto, a participante também entrou no campo da pesquisa, em meio ao vivenciar de suas histórias e ao longo do tempo, também se tornou pesquisadora, mesmo que não tenha tido consciência disso inicialmente, como apontam Clandinin e Connelly (2015).

[...] A realidade da pesquisa colaborativa com participantes, no entanto, é que

a mesma tende a mudar ao longo de seu desenvolvimento. O papel dos participantes pode mudar ao longo de seu desenvolvimento. O papel dos participantes pode mudar durante o estudo, e isso inclui tornar-se um pesquisador, um interpretador e mesmo um coautor do relatório final da pesquisa. Tais papéis podem não ter sido antecipados quando o pesquisador fez seu contato inicial para solicitar sua participação no estudo. (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 221).

Os pesquisadores narrativos Clandinin e Connelly (2015) apontam que as questões éticas mudam, assim como eu e a participante mudamos no decorrer da pesquisa. Pensar a ética no aspecto relacional implica em refletir sobre a vida das participantes no dia a dia, na consequência de surgir uma amizade e na ideia de compartilhar histórias e experiências. A ética relacional é composta pela união narrativa de nossas vidas (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

Portanto, segundo Clandinin e Connelly (1998), há três características importantes a se considerar na ética relacional: a primeira são as negociações; a segunda, a ética de participação, que implica em considerar que a participante é muito mais que um objeto de pesquisa; e por último, a colaboração entre a participante e a pesquisadora, que implica em um compartilhar de ideias entre duas pessoas. Os autores apontam que para que a pesquisa colaborativa seja realizada é necessário um relacionamento mais próximo, como ocorre em uma amizade (CLANDININ; CONNELLY, 1998).

2.7 Considerações sobre a ética relacional

Clandinin e Connelly (2015) classificam como instrumentos para a composição dos textos de campo e de pesquisa: cartas, conversas, áudios, fotos, *e-mails*, fotografias, caixas de memórias, entre outros. Decidir quais instrumentos para composição de textos de campo utilizar é uma tarefa difícil, requer maturidade e foco nos lugares onde as pessoas vivem as experiências, participantes e objetivos de pesquisa. Para esta pesquisa, o instrumento mais importante foi a linha do tempo, além de mensagens de textos e de voz pelo *Whatsapp* e *Facebook*, fotos, conversas e notas de campo.

A linha do tempo foi confeccionada pela participante, a partir da minha sugestão inicial, de que pegasse uma folha de papel e faria um traço no meio, dividindo os espaços das experiências vividas, do lado direito da folha, as experiências vividas com suas famílias e do lado esquerdo, na escola/no trabalho, narrando os acontecimentos mais marcantes, que quisesse relatar de sua vida, em ordem cronológica. Eu não mostrei a minha linha do tempo para a participante, pois queria que ela construísse do jeito que quisesse e também não interferi nos acontecimentos que ela relatou.

As mensagens de texto e de áudio pelo *Whatsapp* e *Facebook* foram importantes para facilitar o diálogo com a participante e com a minha orientadora, visto que em alguns momentos não foram possíveis de ter o encontro presencial. Assim, as plataformas digitais foram de suma importância para facilitar a comunicação durante toda a pesquisa. As fotografias nos ajudaram a compor sentidos das experiências que vivemos.

As conversas foram outro instrumento utilizado. Geralmente, eram guiadas de acordo com a disponibilidade de tempo e assunto da participante, porém, ao passo que a pesquisa foi se aprofundando foram feitas perguntas mais pontuais sobre assuntos já abordados por ela. As conversas não foram gravadas. As notas de campo foram escritas por mim, durante ou após as conversas com a participante. Através delas consegui me lembrar de mais detalhes da experiência narrada pela participante, para poder compor o texto de pesquisa.

2.8 Considerações sobre a linha do tempo

A linha do tempo tinha o intuito de suscitar as narrativas que seriam contadas na pesquisa, já que, diferentemente da conversa, ela permite que a participante conte suas histórias vividas com mais liberdade — não há direcionamento, que poderia ser um risco de limitar as histórias ou partir de pré-julgamentos de quem faz as perguntas. No entanto, na minha pesquisa, ela permitiu que o leitor se arranje cronologicamente, já que a participante falava prolixamente sobre as suas experiências de vida, durante as nossas conversas.

2.9 Como eu fiz a composição de sentidos?

Esta subseção é crucial, pois explica como eu fiz a transição dos textos de campo para os textos intermediários e assim, finalizei com o texto de pesquisa, ou seja, essa dissertação. Segundo Clandinin e Connelly (2015), a composição dos textos de campo se dá através da relação entre as pesquisadoras narrativas e as participantes da sua pesquisa. É um processo interpretativo e contextualizado pelas circunstâncias particulares das origens e andamento das conversas, na qual são feitas reconstruções seletivas da experiência de campo da ética relacional entre pesquisadoras e as participantes, como já mencionado anteriormente (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

A ética relacional foi o que me possibilitou desenvolver essa pesquisa. Assim, com a participante, selecionei aspectos que iriam para a pesquisa e outros que não seriam abordados. Dessa forma, precisei estar ciente que a seletividade de temas abordados pode tornar outros aspectos menos visíveis ou invisíveis. Portanto, os textos de campo revelam o que não é dito e

o que não é notado, pois “(...) um pesquisador é, mesmo que com a melhor das intenções de conseguir anotar tudo o que acontece à sua volta, incapaz de fazê-lo” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 135).

Seguindo essa linha de pensamento, observo que Clandinin e Connelly (2015) consideram os textos de campo como textos que representam a forma como a pesquisadora fala sobre os dados da sua pesquisa. Durante as conversas que tive que com a participante, pude interferir nas suas respostas, fazendo outras perguntas, pedindo posicionamentos e esclarecimentos e também, através de minhas expressões faciais e corporais.

[...] Inevitavelmente, quando um pesquisador encoraja respostas e discussões sobre um determinado item, alguns outros serão deixados de lado ou serão menos desenvolvidos. Os textos de campo são modelados pelos interesses ou desinteresses do pesquisador ou do participante (ou de ambos). O que pode parecer uma gravação objetiva de uma entrevista estruturada já é um texto interpretado e contextualizado: ele é interpretado porque é modelado pelo processo interpretativo do pesquisador, do participante e de sua relação, e é contextualizado pelas circunstâncias particulares das origens e do cenário da entrevista (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 135 e 136).

Desta feita, segundo Clandinin e Connelly (2015), para fazer a transição dos textos de campo para os textos de pesquisa, é necessário considerar as justificativas pessoais, práticas e sociais, os objetivos e as indagações da pesquisa em desenvolvimento, dentro do espaço metafórico tridimensional da pesquisa narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

O movimento de passar dos textos de campo para os textos de pesquisa, segundo Clandinin e Connelly (2015), caracteriza-se pela ligação das minhas experiências de vida com as experiências da participante, em formas narrativas. Assim, quando eu entendo as experiências narrativamente, significa que as penso no espaço tridimensional, ou seja, em dimensões temporais, sociais, pessoais e de lugar (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

Para realizar a composição dos textos de pesquisa, fiz negociações com a Rina sobre quais sentidos comporíamos das nossas experiências, advindas do nosso relacionamento ético. Essa foi a parte mais difícil e desafiadora da pesquisa, pois foi um trabalho colaborativo e cansativo, de leitura e releitura dos textos de campo com foco no *puzzle* de pesquisa, na área da Linguística Aplicada e na audiência.

Foi nesse momento da pesquisa que coloquei em prática aquilo que Clandinin e Connelly (2015) apontam como necessário à pesquisadora narrativa: eu refletir sobre para quem estou escrevendo esta dissertação, o motivo da escrita, como escrevi, sobre quais sentidos compor, qual o motivo de descobrir os diferentes sentidos das narrativas e sobre como honrar as histórias das participantes (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

Quando me propus a pensar as perguntas abordadas no parágrafo acima, pude ter questões para pensar na composição de sentidos, que vai muito além de mostrar o meu posicionamento enquanto pesquisadora. No processo de composição de sentidos, busquei respostas para as perguntas que citei acima e o significado social que transformou os textos de campo em textos de pesquisa, passando pelas tensões, lacunas, silêncios que surgiram nas continuidades e descontinuidades das histórias contadas (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

Então, fiz os quatro movimentos da pesquisa narrativa, conforme Clandinin e Connelly (2015): o movimento introspectivo que se refere às condições internas das pesquisadoras, como os sentimentos, esperanças, reações estéticas, quem sou eu na pesquisa, quando refleti sobre as minhas angústias de desenvolver um trabalho com uma mulher trans, quando problematizei a ética relacional e me perguntei como é desenvolver uma pesquisa ética sobre a transexualidade, sendo eu uma mulher cis? Que pesquisadora estarei me tornando ao desenvolver esta pesquisa? O movimento extrospectivo que se caracteriza como às condições do meio ambiente em que a participante e eu estaremos, no momento em que a pandemia impediu que ocorressem os encontros presenciais e eu me perguntei como ela estaria se sentindo com o contato virtual, que para mim, parecia tão distante e impessoal; quando busquei negociar as composições de sentidos, com a preocupação de que a participante se reconhecesse nas histórias e se sentisse valorizada. Os movimentos retrospectivo e prospectivo se referem à temporalidade, isto é, passado, presente e futuro. Ou seja, quando fiz a composição de sentidos com a participante, procuramos refletir e buscar significados sobre nossas histórias, refletir sobre como gostaríamos de viver e eu, pensar a minha prática enquanto pesquisadora e a ética relacional (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

Antes do texto de pesquisa, conforme Clandinin e Connelly (2015) apontam, os textos de campo provisórios são escritos em diferentes fases da pesquisa e podem ter diversas formas. Eles têm a função de facilitar a escrita da pesquisadora narrativa e podem ser: cartas, narrativas interpretativas, apresentações de trabalhos, escrita de relatos, histórias ou eventos, pode ser uma ideia ou uma inquietação (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

Portanto, as composições de sentidos dos textos de campo deram origem aos textos de pesquisa. Clandinin e Connelly (2015) entendem que existem várias formas de fazer pesquisa narrativa, ou seja, entendem que a construção do conhecimento é um processo de reinvenção dinâmico. Para tal, me baseei nas formas de escrita diferenciadas de Ely, Vinz, Downing e Anzul (2005), que afirmam que para fazer a composição de sentidos é preciso escrever, considerar, pensar e escrever mais. As composições não serão reveladas somente pelos dados da pesquisa, é preciso compreender as situações, pois na vida, criamos a nossa própria realidade. É preciso

fazer escolhas e dar forma aos textos de campos. Segundo Clandinin e Connelly (2015), essas formas são características de cada pesquisa, podendo ser em carta, poemas, letras de músicas, caixas de memórias, dentre outras diversas formas, pois a forma informa o texto (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

3. NARRANDO AS EXPERIÊNCIAS E COMPONDO SENTIDOS

Neste capítulo, apresento as linhas do tempo, as narrativas e as composições de sentidos realizada a partir do contar de experiências vividas por mim e Rinara, nesta dissertação.

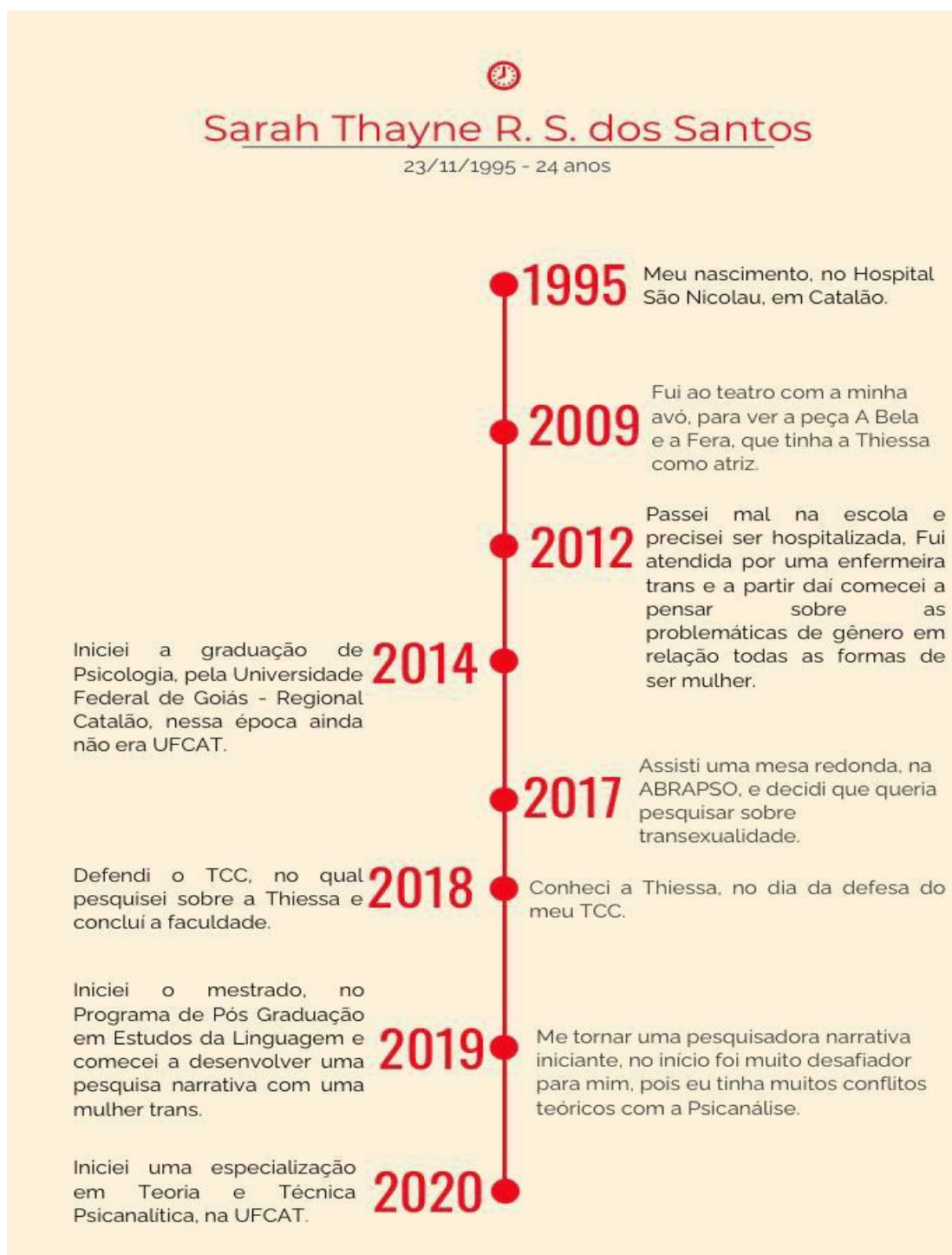
3.1 Linha do tempo da Rinara

Aqui apresento a linha do tempo da Rinara, que possibilitou a construção da sua narrativa.



3.2 Minha linha do tempo

Nessa seção, apresento a minha linha do tempo, que possibilitou a confecção da minha narrativa.



3.3 Narrativa da Rinara

Nessa seção, narro as experiências vividas e contadas por Rinara, participante da minha pesquisa, chamada: *Vivendo na transexualidade*, além de apresentar as composições de sentidos.

Vivendo na transexualidade

Meu nome é Rinara Ribeiro Vicente, nasci no dia 15/06/1993, na Santa Casa de Misericórdia em Catalão. Tenho 26 anos. Antes de ser Rinara, eu era Riwked Ribeiro Vicente. Eu não tenho muito pra falar sobre a minha fase de rapaz, porque eu sempre fui menina. O meu nome veio devido à Hinata, do anime do Naruto, por sugestão de um amigo. Então, eu adaptei para Rinara. Assim, como a Hinata, eu não era uma pessoa forte quando mais nova, contudo, com o passar do tempo e com as experiências que vivi, aprendi a me armar de palavras e respostas, e finalmente, ganhei forças para viver a minha vida e a minha verdade.

A minha infância foi alegre e marcada por diversas brincadeiras. Eu brincava com todos os brinquedos possíveis, sendo de menino e de menina. Brincava de fazer fazendinha com manga e com pedaços de legumes. Brincava de noivinha com papel higiênico e pedaços de pau. Esconde-esconde. Coisas de criança.

Desde pequena, sempre fui afeminada. Meus trejeitos não eram de um menino. Eu já sabia que era diferente. Muita gente comentava com a minha mãe, mas ela sempre deixava de lado com medo do que os outros iam pensar e falar. Com o passar do tempo, eu crescia e comentava sempre em casa que iria fazer plástica no corpo todo. Minha mãe sempre deixava de lado o assunto. Nesta época eu já estava com quase dez anos e já morava em Catalão.

A minha relação com meus pais é ótima. Meu pai e minha

mãe se separaram antes de eu nascer, porque ele era casado. Na juventude dos meus pais, ele disse para minha mãe “Você vai ser minha”, e a minha mãe disse “Nunca, coitado. Você é casado. Não respeita ninguém”. Com o passar do tempo, e com a insistência do meu pai, minha mãe ficou com ele. Quando ela ficou grávida, meu pai disse: “Nós vamos ter um menino para não se esquecer do nosso amor”. Então, eu nasci e tive pouca assistência paterna.

Minha mãe conheceu meu padrasto quando eu tinha um ano. Minha relação com ele é de pai e filha (por isso eu o considero como meu pai de verdade). Quando criança, nós brincamos de luta (paramos de brincar porque eu dei um murro nele e doeu), caminhãozinho, de brincadeiras consideradas de meninos, no entanto, ele que costurava os meus ursos de pelúcia.

Com o passar do tempo, minha mãe e meu padrasto passaram a me entender, e assim foi com os meus familiares. Sempre souberam lidar bem. Às vezes tem um pouco de preconceito. Preconceito velado: aquele que diz que aceita, mas, na verdade não aceita. Não me lembro de nenhuma situação que tenha me marcado, porque eu sempre finjo que não vejo o preconceito e em situações que me deixa constrangida como, por exemplo, me perguntar da cirurgia, se eu coloquei prótese, se eu gosto de homens ou mulheres, se eu me sinto como homem ou mulher, coisas desse tipo.

Eu tive alguns conflitos com a minha mãe, pois ela tinha medo dos outros me agredirem na rua e também, de eu sofrer *bullying* em algum lugar, mas eu sempre soube me sair bem em todas as situações. Aprendi a impor a minha opinião e a quem eu sou, e assim, as pessoas me respeitam.

Na época da escola, as maiorias dos meus amigos sabiam que eu gostava de meninos. Às vezes tinha preconceito, mas eu nem ligava, porque eu nunca fui uma pessoa que ligava para o que os outros pensam e falam. Sempre fui cabeça feita. Eu sempre

pensei que eu sou melhor que os outros e isso me ajudou a passar por essa fase. Os professores não tocavam no assunto, porém, às vezes, tinha algum ou outro que criava confusão, mas logo era resolvido.

Nas aulas de educação física, eu sentia o preconceito velado. Na participação dos jogos, eu sempre era a última a ser escolhida. Era eu e outro colega. Ele tinha trejeitos afeminados, mas por ser da igreja, ele performava como hétero. Ainda assim, sempre tive ótimos professores. Gostaria muito era que tivesse uma psicóloga para me orientar no meu aprendizado e na minha carreira escolar e profissional.

Na pré-adolescência começaram os conflitos. Às vezes me sentia confusa sobre gostar de meninos ou meninas. Até que um dia beijei uma menina e não gostei. Independente dessa dúvida, no fundo, sempre soube o que eu queria e do que eu gostava. Uma lição que eu aprendi desde pequena é que uma boa resposta vale mais que dez tapas na cara. Eu sempre fiquei na defensiva e a minha mãe me ensinou a dar a resposta na hora certa.

Na cidade onde moro, havia outra mulher trans (hoje ela mora em outra cidade), a Thiessa, que namorava um amigo meu. Ela ficou famosa na *internet*, pois criou um canal no *YouTube* para compartilhar as suas experiências. Eu sempre acompanho os seus vídeos e suas redes sociais.

Eu, enquanto mulher trans, uso as minhas redes sociais para problematizar a vida trans, a contemporaneidade e o filtro que se tem nas redes sociais em comparação com a realidade. Eu compartilho meus argumentos e ideais a meu favor e contra o preconceito. Também respondo perguntas inconvenientes e conto a verdade sobre o que é ser uma mulher trans. Como, por exemplo: os vários homens casados que se aproximam de mim, querendo me levar na conversa, com a desculpa de ter curiosidade de se relacionar com uma “mulher assim”, porque “é diferente”.

Eu falo mesmo e não aceito homens mentirosos, que mentem para mim e para as suas esposas. Todas merecemos respeito. Mulheres trans não são objetos sexuais. Eu faço questão de expor quem eu sou e que não aceito essas propostas indecentes.

Contudo, desde que eu me entendo por gente, eu não gostava e nem me adaptava como menino. Sempre pensei muito como menina e não entendia porque eu não era como os outros meninos. Na puberdade, quando eu comecei a descobrir meu corpo, passei a entender mais sobre eu mesma. Aos 15 anos, contei para minha mãe que eu era *gay* e aos 17 anos eu já havia falado que iria mudar de sexo. Eu já sabia o que queria desde criança, mas por falta de conhecimento sobre transexuais eu achei melhor fazer o tratamento hormonal mais tardio.

Então, comecei a busca procurando um endocrinologista em Goiânia, com 18 anos em 2011, através da lista de médicos da Unimed. Também iniciei a terapia. Consultei com o médico e com a psicóloga por quase dois anos. Eles me ajudaram a ter paciência e compreender as mudanças que estavam por vir. No entanto, com o passar do tempo, eu não pude pagar pelas consultas, então meu médico me indicou o HC hospital das clínicas em Goiânia. Eu consegui entrar através de um encaminhamento que um clínico geral de Catalão fez para o laboratório de transgenização em Goiânia no HC. Assim, estou lá me consultando e me informando, além de esperar para fazer a cirurgia.

Eu sempre tive que ter muita paciência com o tratamento, pois eu sou muito hiperativa e ansiosa. O processo de espera está sendo lento, apesar de ter sido modificado para ser mais rápido, ainda demora bastante. Ao mesmo tempo, é tudo muito inesperado, hoje estou em casa tranquila, amanhã posso estar sendo operada. Minha expectativa é que dê tudo certo e que não seja preciso fazer retoques.

Como eu fiz o tratamento com 18 anos, eu não tive uma

adolescência trans. Então, eu vim vivenciar a minha fase adulta como uma mulher trans madura, segura de si e que sabe se defender de tudo e de todos. Para mim, ser uma mulher trans é matar um leão por dia, porque nós enfrentamos muito preconceito velado, escutamos muitos comentários das pessoas em relação a nossa aparência física.

O que me faz ser e me sentir mulher é o meu amor-próprio e eu saber o meu próprio valor. Ser mulher é o autocuidado que eu tenho comigo diariamente. É me colocar em primeiro lugar sempre e manter a minha saúde mental em dia. No entanto, não deixo de lado a minha feminilidade. Adoro brincos, batom vermelho e rosa bem vibrante.

A única coisa que me incomoda atualmente, é a falta de trabalho. Eu sempre trabalhei desde nova. Minha entrada no mercado de trabalho se deu no ramo familiar. Trabalhei na loja de peças automobilísticas do meu irmão. Foi a pior coisa que eu fiz na vida, porque trabalhar com família é muito complicado, devido o preconceito e abuso de poder.

Eu tenho cursos em logística, informática, olericultura, costura e inglês básico. Tenho o sonho de cursar pedagogia. Trabalhei no comércio, em lojas de roupas, e era muito bom. Às vezes, divertido e passava o tempo. No meio do mercado de trabalho, tive conflitos com algumas pessoas que tinham preconceitos e outras que não dão oportunidade de emprego para pessoas trans. Eu me sinto chateada com essas situações, no entanto, cada um tem à sua maneira de pensar e eu não posso fazer nada para mudar isso. No momento, não estou trabalhando. Antes desta crise que estamos passando, sempre teve trabalho, porém o preconceito tem em todo lugar e com qualquer pessoa. Sim, sofremos mais por sermos trans.

(Narrativa da Rinara, janeiro de 2020).

Agora, componho sentidos da história vivida e narrada por Rinara Ribeiro Vicente, buscando pontos de tensões com minhas próprias narrativas, as justificativas de pesquisa, a audiência (as leitoras da minha dissertação), a área em que estou inserida (Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem), as possibilidades de composição de sentidos, a relação ética com a participante e meus objetivos de pesquisa. Começo essa composição de sentidos muito insegura de como fazer, pois, sei que não há uma maneira correta, no entanto, é um desafio honrar as experiências da participante, as minhas e as que nós vivemos juntas, em um texto de dissertação.

Ao ouvir e escrever a narrativa da Rinara, pensei sobre a infância e a importância que bons momentos afetam nossa vida psíquica quando somos adultos. Não consigo imaginar como deve ser a infância de uma criança *gay* e que se sente diferente, em relação à falta de identificação com o seu sexo biológico e psicológico. Eu sempre me identifiquei como cis e hétero, por isso não consigo imaginar como devem ser os conflitos psíquicos e comportamentais de como é crescer não se sentindo confortável vestindo roupas que não exprime a sua identidade, brincando com o que não gosta e vendo o que se identifica tão perto e não poder pegar, por medo dos julgamentos.

Na faculdade, quando estudei sobre a Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem na Infância e Adolescência, entendi que a criança não entende quais brinquedos são denominados socialmente de meninos ou de meninas, elas estão interessadas na função que o brinquedo exerce e na nova função que a criança pode inventar para o brinquedo. Lembro-me de uma aula em que a professora contou uma história do seu sobrinho que gostava de dançar pela casa, usando saias longas e que sofria muitas repressões do pai por estar se comportando com atitudes socialmente esperadas de uma menina. No entanto, minha professora contou que seu sobrinho gostava de dançar, porque via a irmã dele dançando pela casa e adorava imitá-la. Ele via a irmã usando saias e usava também, porque gostava do movimento que ela fazia enquanto dançava.

Pereira e Oliveira (2016) apontam que as brincadeiras são uma das alternativas para dar visibilidade para as relações de gênero e uma forma de imitar as relações e papéis históricos e sociais. No entanto, nos seus estudos desenvolvidos em uma instituição de educação infantil em Maceió, perceberam que meninos e meninas têm acessos e direitos aos mesmos espaços de lazer, porém não com as mesmas oportunidades de livre expressão de seus desejos e intenções nas brincadeiras, sem que isso cause estranheza e constrangimento no que concerne às referências de gênero. As autoras apontam que a melhor forma de intervenção é usar a brincadeira para ressignificar e reinterpretar da cultura.

Nos atendimentos clínicos com crianças, a brincadeira é fundamental. Através da

brincadeira a criança expressa seu mundo, seus desejos, anseios, sua vida psíquica, os papéis sociais que a tem influenciado. Eu entendo, enquanto psicóloga, que se os pais dedicassem mais tempo entendendo os filhos através da brincadeira, muitos conflitos seriam evitados, sobretudo quando se tem filhos gays e transgêneros.

Dessa forma, através desses pensamentos, entendi que eu precisava problematizar sobre alguns aspectos essenciais da narrativa da Rinara, dentre eles, a importância dos relacionamentos familiares na vida de mulheres trans.

3.4 Sobre a infância e a importância da família nos relacionamentos de uma mulher trans...

Quando ouvi as histórias da Rinara, fiquei pensando sobre as suas relações familiares e sobre como é ter uma pessoa trans na família. Sobre as situações e perguntas constrangedoras com amigas e familiares, ela aponta que se sente confusa sobre a veracidade e confiabilidade de como as relações são construídas e solidificadas hoje. Bauman (2004) aponta que os relacionamentos contemporâneos são constituídos de uma ambivalência que varia entre sonho e pesadelo. Na maior parte do tempo, os relacionamentos comuns são confusos, perturbadores e profundos. Assim, encontram-se no centro das atenções dos conflitos existenciais atuais das pessoas, como um jogo que vale a pena, apesar dos riscos.

Ao recordar sobre os constrangimentos pelos quais passou, ela afirma que continua pensando da mesma forma, sobre se posicionar e mostrar a que veio. Aponta ainda, que após a sua cirurgia de redesignação sexual, o seu comportamento e o das pessoas continuará o mesmo, inclusive a homofobia e o preconceito. Acredita que a solução seria as pessoas se darem conta das ideologias e dogmas intolerantes pregados pela sociedade, e assim, repensarem seus julgamentos sobre as vidas trans.

Ainda sobre julgamentos e preconceitos, Rinara relata que sempre teve que lidar com eles, sobretudo durante a sua transição, que começou em abril de 2012, com 18 anos. Sobre esse período, relata que foi um período tranquilo. Apesar de ter trabalhado em diversas lojas de roupas femininas, quando chegou a sua vez de usá-las, não sabia como escolher, então se perguntava: O que eu gosto de usar? O que eu sei usar? O que eu quero? Somente depois de um tempo de reflexão sobre o seu novo modo de vida, Rinara conseguiu pensar na pessoa que ela gostaria de ser, como queria viver e o que queria vestir.

Longaray e Ribeiro (2016) apontam que transexuais e travestis se reinventam para escapar das convenções impostas pelo seu gênero e sexo, porém reproduzem a feminilidade como um aspecto culturalmente enraizado. Sendo assim, sobre os momentos de conflitos,

Rinara se questionou várias vezes se era assim que ela queria viver e decidiu que sim. Sempre foi muito feminina, não tinha mais como negar e esconder. Então, foi um processo tranquilo e natural. Com o tempo foi aprendendo a gostar de si mesma e construindo o seu amor-próprio; e hoje, se sente bem e feliz.

A tese de Oliveira (2017) fala sobre os processos de subjetivação de gays afeminados, viados e bichas pretas, analisando as experiências através de narrativas que fogem da norma cis-heteronormativa no interior da escola. A pesquisa foi realizada com quatro professores negros desenvolvendo suas atividades profissionais em escolas no Paraná e no Rio de Janeiro, onde colocaram em debate a temática racista e homofóbica. Concluiu que os vocábulos “preto”, “gay afeminado”, “viado” e “bicha” não podem ser tratados como simples adjetivos, mas como uma categoria de análise apresentando diversas facetas, significados e processos, assim, o contexto social, econômico e político deve ser considerado e não tratados como algo estático e concreto.

Diante disso, através das conversas com a participante, outro tema que surgiu foi a sua relação com o universo feminino e com as mulheres.

3.5 Sobre o feminino...

Quando perguntei para ela qual a sua relação com o universo feminino hoje, Rinara aponta que se considera uma mulher que não precisa engravidar para conquistar homens, que não se sente insegura com a roupa que veste, não incentiva a competição feminina e não se importar com a opinião das pessoas. Além disso, não gosta de jogos psicológicos com as pessoas com quem se relaciona, pois se considera uma pessoa direta e objetiva. Nos raros momentos em que se sente insegura, Rinara aponta que se deve ao fato de ainda não ter conseguido concluir a sua cirurgia de redefinição de sexo.

Longaray e Ribeiro (2016) apontam que para a reinvenção do corpo e da liberdade é necessário usar a criatividade. Assim, a reprodução de convenções sociais, técnicas de alteração corporal (cirurgia de redefinição de sexo e as cirurgias plásticas, como rinoplastia e mamoplastia) e também da feminilidade, interfere na relação que travestis e transexuais têm com outras pessoas e também na relação consigo mesmas. Essas alterações corporais e comportamentais são uma tentativa de se encaixar na categoria de gênero feminina heteronormativa, propagada pela sociedade sobre o que é ser mulher.

Dessa forma, Rinara aponta que a sua relação com a feminilidade e o universo feminino é tranquila e harmônica. Ela entende que os recursos estéticos que utiliza fazem parte da afirmação da sua existência no mundo. Ela gosta de arrumar o cabelo, usar maquiagens,

vestidos e salto alto. Gosta de ser feminina e se considera mais feminina do que muitas mulheres por aí, porém entende que cada mulher performa do modo como se sente bem e feliz.

No entanto, sobre a sua relação com outras mulheres, aponta que não gosta e não tem paciência de conviver com muitas mulheres reunidas em um ambiente, como, por exemplo, em salões de beleza, e até mesmo no seu ambiente profissional de trabalho, devido a intrigas e fofocas. Alega que prefere trabalhar para homens, considera que eles são mais profissionais e menos emotivos.

Em relação ao posicionamento da Rinara em sobre a trabalhar com outras mulheres, gostaria de explicitar que entendo a concepção machista da sua fala e também percebi, durante a pesquisa, que as suas experiências não foram propícias para que ela desconstruísse essa concepção. Acredito que a desconstrução é um processo que leva tempo e dedicação para entender e mudar ideias cristalizadas, que durante a pesquisa não foram possíveis de serem realizadas.

Para mim, quando uma mulher trans expõe a sua feminilidade ao mundo é o maior posicionamento político que tem para afirmar a sua (r)existência. Campos (2014) delinea em seu projeto de mestrado quer entender através de um olhar etnográfico, como as mulheres trans constroem e vivenciam a sua feminilidade. Aponta que o senso comum ao pensar no “ser mulher” faz ligação de que o sexo psicológico é o mesmo que corresponde ao sexo biológico, o que é uma visão equivocadamente estereotipada. A autora ainda diz ser a partir do movimento transfeminista que vemos outras categorias de identidades e configurações corporais. Para mim, isso reforça a importância de incluir o movimento transfeminista e as mulheres trans no movimento feminista cis, e assim, unir os posicionamentos e debates para afirmar a existência das identidades transgêneras no campo político e acadêmico. É através desse posicionamento que teremos mais trans empregadas e estudando.

Portanto, para mim, a trans dos sonhos é ousada, aquela que não tem medo da morte, que corre riscos, que escolhe viver e correr atrás dos seus sonhos diariamente, mesmo com todos os entraves, a sociedade e as instituições dizendo que elas não conseguem. No fundo, ela sabe que consegue sim e que pode tudo o que todos disseram que ela não pode.

Diante do exposto, Rinara aponta que somente com 23 anos começou a descobrir a vida, a aprender a se relacionar e como funciona a dinâmica de um casal (na verdade, buscar a entender quais relacionamentos pretende cultivar na sua vida e se sentir bem). Olhando para trás, ela vê uma mulher em construção e começando a moldar a sua personalidade. Ela me diz que se pudesse dar um conselho para a Rinara de 2016, seria tomar cuidado com as pessoas falsas, aprender a reconhecer pessoas mentirosas, observar mais e aprender a se aceitar e se

sentir bem sozinha.

Sobre o processo de constituição da subjetividade trans, Longaray e Ribeiro (2016) apontam que as diversas tecnologias de transformação comportamental e corporal colocam em xeque as diversas formas de identidades e de subversão da lógica heteronormativa. Sendo assim, o processo de produção da subjetividade é contínuo, um constante permanente. Esse é um processo que é atravessado por resistências de diversas singularidades que emergem no mundo contemporâneo e nos fazem pensar sobre o que é considerado normal, anormal e diversas formas de existências e suas experiências de vida.

3.6 Sobre o mercado de trabalho...

Enquanto conversava com Rinara, pude perceber que outro assunto que ela abordava era a falta de emprego para pessoas trans. Ela falava sobre a sua indisponibilidade de comprar algo que queria, também, fazer uma viagem ou de ajudar seus pais em casa, pela falta de dinheiro. Relata que nas vezes que consegue emprego, sofre com o preconceito de seus chefes ou colegas de trabalho.

Comecei a pensar: qual seria o motivo que levaria alguém a contratar uma pessoa trans para trabalhar em seu negócio e promover um ambiente de trabalho hostil? Será que as pessoas se preocupam em treinamentos empregatícios para pessoas trans? E treinamentos para que funcionários incluam pessoas trans? Como seria um ambiente de trabalho saudável para pessoas trans? Como pessoas trans gostariam de ser tratadas nos seus ambientes de trabalho? Qual seria o ambiente de trabalho dos sonhos para uma pessoa trans?

Almeida e Vasconcellos (2018) desenvolveram uma pesquisa, na qual analisam o acesso ao emprego de pessoas transexuais e travestis, no município de São Paulo, através de figuras de autoridade que militam junto à transmilitância. Fizeram entrevistas semiestruturadas para essas figuras, buscando entender a sua percepção sobre os desafios enfrentados pelas pessoas transexuais e travestis no que concerne ao acesso ao trabalho. Ainda investigaram as estratégias para a visibilidade do acesso ao emprego pelas pessoas trans e também, buscaram saber quais seriam as sugestões dessas figuras de autoridade para que houvesse maior adesão de inclusão de pessoas trans no mercado de trabalho.

Os resultados a que Almeida e Vasconcellos (2018) chegaram, apontaram para cinco desafios: preconceito e transfobia, uso do banheiro, vestiário e uniforme, baixa escolaridade e a linguagem verbal e corporal. As estratégias que as figuras de autoridade da transmilitância apontaram foram em relação à mobilização social, na forma de caminhadas, eventos, palestras,

propagandas publicitárias, divulgação das vagas de empregos nas redes sociais, além da capacitação de empresas e das pessoas trans.

Diante do que foi exposto, os autores concluíram que as medidas de acesso e permanência da população trans no mercado de trabalho acontecerá mediante do desenvolvimento de políticas públicas, como ações afirmativas, que cobrem o posicionamento das empresas. Relatam ainda que o Estado tem a necessidade de proteger as empresas, para que não haja negligência e discriminação de pessoas trans no ambiente de trabalho (ALMEIDA; VASCONCELLOS, 2018).

Dessa forma, quando perguntei a Rinara, sobre como seria o seu ambiente de trabalho dos sonhos, ela disse que seria aquele em que tivesse respeito, profissionalismo e com acesso à educação, para que ela se aperfeiçoasse cada vez mais. Diante do atual momento em que estamos vivendo, pandemia mundial do coronavírus, Rinara percebe a necessidade de atrelar a reflexão sobre a falta de pessoas trans no mercado à crise econômica e à situação atual do Brasil.

3.7 Sobre a situação atual do mundo e a importância da vida...

Na quarentena, a participante da pesquisa refletia sobre a situação atual do país, do mundo e quais os reflexos esse momento teria na sua vida. A pandemia do coronavírus a fez pensar sobre as mortes em massas que ocorrem e a seleção das vidas que importam. Rinara observa que na sociedade os negros, índios, pobres, favelados, trans não são as vidas que merecem saúde, educação, políticas públicas, respeito, ajuda e consideração do próximo.

Relata ainda a sua indignação diante do fato de as pessoas em não respeitarem a quarentena. Diante disso, Dunker (2020) aponta que a negação da catástrofe política e econômica reforça que o vírus é um pequeno componente que coloca as identidades que vivem nas trincheiras em evidência. Todos podemos nos infectar. Uns têm mais privilégios que outros. Uns podem ficar em casa e outros não (DUNKER, 2020). E diante disso, como podemos ser tão frios de selecionar as vidas que morrem e as vidas que vivem? Qual é o verdadeiro valor de uma vida? Como o mundo vai ficar depois da pandemia? As pessoas vão aprender a pensar no coletivo e deixar de ser tão frias e individualistas?

Desse modo, Rinara reflete sobre como devemos valorizar, mais do que nunca, a educação e o saber científico. Vivemos uma época complicada devido à propagação de *fake news*, na qual a ignorância prevalece. Mais do que nunca, precisamos de interpretação de texto para entender o mundo. Quando o mundo voltar ao normal, será preciso ressignificar as pessoas, a vida, os planos, as ideologias, a política e a economia. Por fim, Rinara pretende continuar

indo em busca dos seus sonhos e acredita em um mundo melhor com pessoas melhores.

Destarte, para mim, desenvolver esta pesquisa em um relacionamento ético com a Rinara, foi uma experiência desafiadora. Mesmo com a pandemia e a impossibilidade de encontros presenciais, a pesquisa foi possível de ser realizada. Fez-me perceber que a falta de contato presencial não alterou na qualidade do vínculo e a presença se faz mesmo no virtual. Então, concluo que a relação ética é uma via de mão dupla, que precisa de cuidado, respeito e atenção para acontecer.

3.8 Minha narrativa

Nesta seção, apresento a minha narrativa, que escrevi a partir dos encontros que tive com Rinara, durante o desenvolvimento da pesquisa e também exibo a composição de sentidos.

Eu, pesquisadora narrativa iniciante

No início do mestrado, eu estava ansiosa para começar a pesquisar e escrever. “O que faz uma pesquisadora narrativa? Como se faz uma pesquisa narrativa?”, eu me perguntava. Logo de cara, a dificuldade que enfrentei foi a tarefa de escrever uma narrativa explicando os motivos práticos e pessoais da escolha do meu tema de pesquisa, pois eu não parava para pensar, até então, sobre os eventos que contei nos inícios narrativos desta dissertação.

Apesar de ter um grande interesse em pesquisar sobre a transexualidade, eu não tive a oportunidade de conversar e conviver com uma pessoa trans. Dessa forma, eu estava cheia de questões e medos antes de entrar no campo de pesquisa: não sabia como abordar a participante, como fazer as negociações, quais perguntas fazer ou como deveria agir quando estivesse com ela.

Quando entrei em contato com a participante, a minha preocupação era não saber como reagir às histórias que ela poderia me contar, enquanto uma pesquisadora narrativa. Perguntava-me: “Qual seria a postura correta de uma

pesquisadora narrativa? O que deveria falar ou fazer para/por ela?".

Ecoava na minha mente a entrevista da Leandra *DuArt*, para a Mídia Ninja chamada *Parem de tratar corpos trans e travestis como objeto de estudo*, que por acaso eu vi uns meses antes no *Instagram* (aquelas publicações que aparecem aleatoriamente no *feed*). Nessa entrevista, ela falava (chorando) de como ela se sentia desvalorizada com as pesquisas sobre pessoas trans, pois os pesquisadores não buscavam saber quem elas são, quais as suas histórias, quais as suas dores e lutas diárias. Apontava ainda que pesquisar a pauta da moda (estudos de gênero, transgeneridade, corpos trans) e a forma como os pesquisadores abordam as pessoas trans, de uma forma mecanizada e desvalorizada, não reflete de fato os corpos e as realidades trans, e que ela se recusava a participar dessas pesquisas, a não ser que mudasse as suas metodologias para valorizar e tratá-las como humanas.

Entretanto, apesar de todas essas inseguranças, marquei de me encontrar com Rinara, em sua casa, como ela quisera. Encontramos-nos a primeira vez numa tarde chuvosa. Eu estava ansiosa. Cheguei à sua casa, um pouco molhada, e ela me cumprimentou e disse que eu era bonita e estava usando uma saia linda. Convidou-me para entrar na casa de sua mãe, que estava lá e me recebeu muito bem. Rinara disse que ficaríamos mais à vontade para conversar na sua casa, que ficava no fundo da casa de sua mãe, então fomos até lá.

Agora, com mais calma, me apresentei para ela novamente, retomei como consegui o contato dela (com uma amiga do mestrado que estudou com ela na adolescência), falei do que se tratava a minha pesquisa e se ela realmente aceitava participar. Ela aceitou e assinou o TCLE e o termo de autorização de imagem. Rinara falava muito, fato que eu achei muito bom,

pois não sabia como agir como pesquisadora e não preparara perguntas previamente.

Pelo pouco que eu estudara, sabia que a pesquisa narrativa é uma metodologia que valoriza as participantes. Assim, eu teria a oportunidade de ouvir suas histórias vividas e narrá-las, valorizando e honrando suas experiências. A minha postura com a Rinara, primeiramente, foi de ouvi-la. Eu pude perceber que ela se sentia incomodada com o fato de eu não ter nenhuma pergunta. Eu disse a ela que poderia me falar o que quisesse. A minha intenção era ter uma conversa sem roteiro e depois eu iria escrever uma nota de campo sobre os assuntos que nós conversássemos ali.

Rinara foi me contando sobre a sua história: infância, adolescência, a transição e sobre a sua espera da cirurgia de redefinição sexual. Algumas vezes, ela voltava a me perguntar a se eu não tinha alguma pergunta específica ou algo que gostaria muito de saber e eu dizia que não, que estava ali para escutá-la. Queria que ela se sentisse à vontade comigo. Então, ela falava.

Em algum momento da conversa, eu tentei interrompê-la e pedi para que fizesse a sua linha do tempo. Eu levava folhas chamex e canetas. Ela pegou os materiais e começou a fazer, no entanto, parava e me contava mais histórias. Nesse momento, percebi que ela estava mais interessada em me contar sobre a sua história oralmente, do que confeccionar a linha do tempo. Então, ela não confeccionou uma linha do tempo, eram apenas frases soltas com poucas datas e acontecimentos.

Naquele dia, quando saí da casa da participante, me senti aliviada, porque aparentemente criamos um vínculo. Ela me tratou super bem e não teve nenhum assunto do qual não tenha querido falar. Eu me senti inteiramente no campo de pesquisa. Levei a sua pseudo linha do tempo para casa e através dela, e também das histórias que me contou, escrevi uma narrativa como se fosse

Rinara contando a sua própria história e levei para o nosso segundo encontro, para lermos juntas.

Quando cheguei à casa da participante, para o nosso segundo encontro, mostrei à narrativa e ela ficou entusiasmada, pois marcava o início da pesquisa e também relatou que estava feliz em ajudar contando suas experiências. Fizemos a leitura juntas, no meu *notebook* e fomos acrescentando e modificando as partes do texto. A participante deu um título para a sua história.

Eu me senti confortável diante dela e comentei sobre a minha insegurança de não conseguir valorizar as histórias dela, o suficiente para que ela não se sentisse desrespeitada e um objeto da minha pesquisa, e ela com seu bom humor, me disse que não se sentia assim de forma alguma. Comentei sobre o vídeo da Leandra *DuArt* e Rinara disse que já tinha visto e que entendia o motivo de ela se sentir inferiorizada, pois além de ser uma mulher trans, tem uma síndrome rara que ocasiona deformações nos membros superiores e inferiores. Além de sofrer na sua condição, considera que o seu corpo é marginalizado nas pesquisas.

Nesse momento, ela comentou sobre outras pesquisas que participou antes dessa e que encarou como uma oportunidade de conhecer melhor o seu corpo, pois as pesquisas incluíram estudar a reação dos corpos trans com as vacinas de HPV (Vírus do Papiloma Humano), e através disso, pôde contribuir na formulação de um projeto para pessoas trans sobre as DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis).

Rinara aponta que também teve o seu corpo estudado, mas que não foi abordada de forma cruel e desumana como aponta a Leandra *DuArt*. Fala que tem o jeito certo de abordar as pessoas para participar de uma pesquisa. Educação e bons modos cabem em qualquer lugar, não se chega de modo grotesco e insensível, estamos lidando com realidades, seres pensantes. Aponta ainda, que não responde todas as perguntas que fazem pra ela, e que,

em uma situação assim, se irrita e fica nervosa.

Após lermos à narrativa e conversarmos um pouco sobre como estávamos nos sentindo em relação à pesquisa, eu fui embora para minha casa, pois já estava ficando tarde e Rinara tinha um compromisso.

No começo do meu relacionamento ético com a participante, eu ficava com receio de mandar mensagens para ela, com insegurança de estar incomodando ou algo do tipo. No entanto, o interessante é que quando eu ficava muitos dias sem contatá-la pelo *Whatsapp*, ela me procurava. Nosso contato começou a ser diário, no *Whatsapp*, Rinara sempre pedia notícias de como estava a pesquisa e se eu precisava da ajuda dela para o que quer que fosse.

Eu sabia que a pesquisa narrativa permitia que pesquisadoras e participantes tivessem um relacionamento mais próximo e eu me perguntava: “Até que ponto é considerado relacionamento ético? Qual o limite entre relacionamento ético e amizade?”.

No terceiro encontro e último encontro, antes da pandemia, quando cheguei à casa de Rinara, sua mãe também estava lá e acabou participando de uma parte da conversa. A televisão estava ligada e passava o programa *Casos de família*, no Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), que apresentava algumas histórias de pessoas que tinham um membro da família trans. A mãe de Rinara acabou comentando sobre o programa de televisão e falou um pouco sobre como era a sua relação com o pai da Rinara e como lidava para defender a filha do preconceito com pessoas trans. Eu pude perceber a influência que a mãe de Rinara tem na vida dela, como se preocupa com o bem-estar da filha e também, sobre o que as pessoas pensam dela.

Depois que a mãe dela saiu para trabalhar, nós duas conversamos sobre como ela lida com as redes sociais. Eu disse a

ela minha percepção ao olhar as suas redes sociais, que ela comenta assuntos muito pessoais e, além disso, faz uma denúncia social de como as mulheres trans são discriminadas e objetificadas, vistas pelos olhos masculinos como “um prazer momentâneo para matar a curiosidade”, com a justificativa de “ser diferente”. Ela complementou reforçando que se sente desvalorizada por homens casados que vão atrás dela, que não se cala diante disso e não pretende se calar.

Fui embora da casa da participante este dia, com a promessa de que voltaria para que continuássemos conversando e pensando sobre a pesquisa. No entanto, não foi possível porque foi anunciada a pandemia do coronavírus, pela OMS.

Durante a pandemia, nós ficamos impossibilitadas de nos encontrar, pois estávamos sob o risco de contaminação. Então, conversávamos através das redes sociais, com regularidade e com o intuito de nos conhecermos melhor, sabermos mais uma da outra e contarmos nossas histórias. Ela era solícita e me respondia rápido a qualquer pergunta que eu fizesse.

Percebi que falava muito sobre sua mãe e sobre o seu padrasto e como eles eram figuras importantes na vida dela. Dizia que a relação com a sua mãe era uma fonte segura de carinho, amor e apoio. Foi com ela que aprendeu a ser forte frente às adversidades da vida, a trabalhar e conquistar as suas coisas. Sobre a sua relação com o padrasto, falava que era harmônica e amorosa, que a relação deles ultrapassa a relação de pai e filha: tem diálogo, brigas, conflitos e amizade. Falar sobre isso, a fez refletir sobre como é, de fato, uma relação entre pai e filha e que nenhuma relação familiar é perfeita. Pai que é pai de verdade, não abandona.

Apesar de não ter tido uma relação com o seu pai biológico, Rinara relata que a sua relação com o seu padrasto (a quem ela considera e se refere na pesquisa como seu pai) é fraternal,

representa o amor verdadeiro, o amor que não se compra, que é livre e tranquilo. Considera que não há diferença entre o modo de se relacionar do pai, com ela e com a irmã. Assim, para a Rinara, a concepção de amor de pai é: aquele que briga, mas que, sobretudo, dá amor e protege as filhas.

Outro assunto que ela abordava era de como gostaria de ter um emprego, para que pudesse ser independente. Nesse meio tempo, Rinara conseguiu um emprego em uma distribuidora de materiais de limpeza, então os nossos horários de conversa ficaram restritos: falávamo-nos durante o seu horário de almoço, no final da tarde (quando já havia saído do trabalho) ou nos fins de semana.

Diante disso, diversas vezes ela falava que não estava contente no seu ambiente de trabalho, pois vivia diariamente situações de humilhação, depreciação e preconceito, mas não queria ficar sem o emprego, porque não queria ficar sem dinheiro. Então, aguentaria essas situações desagradáveis até conseguir outro emprego.

Alguns meses depois, surgiu uma oportunidade de emprego em uma casa de carnes, na esquina de sua casa. Rinara logo se animou, pois, nessa época haviam surgido boatos depreciando a imagem dela e a situação estava insustentável. Além de que não precisaria se preocupar com transporte para ir e vir do trabalho.

Rinara saiu do emprego na distribuidora de materiais para limpeza e foi trabalhar, como caixa, em uma casa de carnes perto da sua casa. No entanto, ela não trabalhou lá por muito tempo, pois não conseguiu se adaptar com as funções designadas a ela e com os novos chefes, apesar de o ambiente de trabalho ser bom e ela se dar bem com os outros funcionários.

Rinara recebeu uma proposta de trabalho em uma churrascaria, para anotar pedidos e servindo mesas. Até o

momento, continua nesse emprego e está muito contente. Nós não nos falamos diariamente como antes, por conta da incompatibilidade de horários, mas sempre que necessário, uma chama a outra para conversar e vice-versa.

(Narrativa da Sarah, março de 2020).

Eu decidi contar essa história, pois ela mostra a minha insegurança em não ser uma boa pesquisadora narrativa. Durante o desenvolvimento do meu relacionamento ético com a Rina, houve algumas questões que me preocupavam, enquanto pesquisadora, em relação a minha postura, a minha escuta, o relacionamento que estava construindo com a participante, qual a percepção que ela tinha de mim e o que ela pensava sobre a pesquisa e a sua participação.

Quando comecei a pesquisa, eu sabia como me comportar enquanto psicóloga e estava com a minha escuta treinada de acordo com as técnicas que aprendi na graduação. Sabia me comportar, conhecia como direcionar a minha escuta para os detalhes que eu devesse prestar atenção e também, as perguntas que eu deveria fazer para quando a pessoa não falasse espontaneamente. No entanto, a pesquisa narrativa tinha outra perspectiva e eu estava começando o processo de me tornar a ser pesquisadora narrativa. Entendi, então, que teria que ter paciência comigo para compreender esse novo olhar sobre o mundo, com o qual eu não estava acostumada.

Comecei a buscar leituras que me ajudassem a entender e a amenizar as minhas angústias. Encontrei a pesquisa de Filho (2005), que se tratava de uma pesquisa narrativa na área da Psicologia Clínica, uma área com a qual eu estava acostumada — um ótimo início para que eu já começasse a pensar narrativamente. Na tese de Filho (2005), é apresentada uma pesquisa compondo sentidos através de narrativas de pais cuidadores de filhos com alguma deformidade corporal. O pesquisador busca saber quais foram as práticas que influenciaram os pais a lidarem com essa nova configuração corporal dos filhos. Observei que essa tese estava sendo feita através do contato com as participantes da pesquisa fora do *setting* analítico, buscando compreender as práticas humanas de uma forma analítica, através das narrativas.

Ao ler a pesquisa de Filho (2005), comecei (re)pensar sobre a minha postura enquanto pesquisadora cis entrevistando uma mulher trans e como honrar suas histórias, mesmo com contato virtual limitado? Como a minha pesquisa pode ajudar a pensar sobre melhor qualidade de vida e equidade social para as pessoas trans? Qual o melhor caminho para se reivindicar as

individualidades das identidades trans? Porque as mulheres trans não estão inclusas em todos os movimentos feministas? Como ser uma feminista e pesquisadora que acolhe mulheres trans?

Uma das minhas grandes dificuldades durante a pesquisa era a minha postura enquanto pesquisadora. Eu tinha receio de que a participante pudesse não gostar da minha pessoa e da minha postura diante dela, e que não conseguíssemos criar um espaço seguro e desenvolver a ética relacional. Apesar de entender que essa é uma insegurança comum de pesquisadora iniciante, eu tinha medo de que a pesquisa não saísse conforme eu organizara no cronograma.

Dessa forma, através desses questionamentos, entendi que eu precisava refletir mais sobre que tipo de escuta eu estava oferecendo à participante da minha pesquisa, sobre o modo de escrita e qual a nossa relação com a linguagem, para honrar as nossas histórias.

3.9 Sobre a escuta, escrita e linguagem...

Durante o desenvolvimento da pesquisa, eu entendi que não precisava ter a escuta treinada, conforme aprendi na graduação de Psicologia. A pesquisa narrativa segundo Clandinin e Connelly (2015), gradualmente, me fez entender que viver as experiências e contá-las, era mais importante do que tentar encaixá-las em categorias para interpretá-las (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

Durante o processo de escrita da dissertação, encontrei o texto de Dumerasq (2016), *Ensaio (travesti) sobre a escuta (cisgênera)*, no qual ela fala sobre a dificuldade de diálogo das trans com a população cisgênera, correndo o risco de ser “mais uma travesti reclamando que não é ouvida” (p. 122). Através desse texto, eu pude (re)pensar a minha escuta, enquanto um aprendizado e uma construção narrativa de pesquisadora iniciante.

Dumerasq (2016) aponta que escutar exige uma postura atenta e ativa. Escutar demonstra o interesse em conhecer o mundo do outro. Essa pesquisa me permitiu exercitar a empatia e alteridade, antes de me autorizar e posicionar como pesquisadora deste estudo. Assim, a minha pesquisa é um espaço de apresentar as histórias da perspectiva de quem viveu, e os meus aprendizados enquanto ouvinte e participante da pesquisa. Essa metodologia transcende os métodos acadêmicos tradicionais.

Ainda sobre essa questão da escuta, quando eu me encontrei com a Rinara pela primeira vez, fiquei surpresa, porque eu não imaginava que ela ia se abrir e contar toda sua história para mim, como se estivesse contando para uma amiga. A princípio, diante da quantidade de informação que ela me falava, eu fiquei confusa em selecionar a qual tema dar atenção. Pensava que tudo era importante e com esse pensamento, percebi que não estava focando em nada. No

entanto, com o amadurecimento da minha confiança enquanto pesquisadora e também o desenvolvimento da ética relacional, entendi que não tinha fundamento a minha insegurança sobre quais conteúdos selecionar, pois, a minha pesquisa é colaborativa, então, eu tinha a ajuda da participante, pois o intuito dessa pesquisa é fazer um estudo das minhas experiências e da participante, através de nossas narrativas.

Dessa maneira, entendo que a identidade não é concreta, mas sim está em constante metamorfose (MOITA-LOPES, 2006) e quando passei a problematizar minhas inseguranças e tensões sobre como era ser pesquisadora iniciante, entendi que essas histórias que estou contando estão moldando a minha identidade enquanto pesquisa (SCHAEFFER, 2010).

Sobre a identidade narrativa, MacIntyre (2001) fala que é o meio em que se entra em contato com outra pessoa e com a sua identidade histórico-social. Desse modo, é através do ato de contar histórias que se dá a educação moral, propagação de ensinamentos e a influência histórica. Assim, a identidade narrativa é a atuação de reconhecimento narrativo que cada pessoa exerce, através do seu papel social, ou seja, um conceito de um eu que está na unidade narrativa que une a vida e a morte na forma narrativa com começo, meio e fim (FONTENELLE, 2019).

O autor ainda ressalta que todos vivenciamos as narrativas em nossas vidas e é através delas que entendemos os comportamentos de outras pessoas. Aponta ainda, que a metodologia narrativa é a união entre ação e narrativa que se complementam, em um determinado contexto, para explicar os comportamentos humanos, na forma de uma identidade narrativa. Dessa forma, a identidade é pressuposta por uma unidade narrativa, pois trata-se de um todo, partes de uma vida que se interligam em função de um fim, assim, pode-se dizer que a vida de cada pessoa é uma unidade narrativa, ou seja, intenções, causas e afetos, que podem interferir nas narrativas de outras pessoas (FONTENELLE, 2019).

Portanto, entender sobre essas questões teóricas me fez me sentir mais segura sobre como me relacionar eticamente com a Rinara, e também a me sentir mais livre sobre como me posicionar, enquanto pesquisadora, sem ficar com medo de estar fazendo algo de errado. Por conseguinte, enquanto pesquisadora narrativa iniciante, hoje percebo que o não entendimento sobre questões teóricas era algo que, de alguma forma, travava o meu desenvolvimento na pesquisa, embora minha orientadora e os grupos responsivos tenham enfatizado que era a preocupação com a teoria que podem ter dificultado minha composição de sentidos das experiências.

3.10 Sobre a ética relacional e o espaço seguro...

Junto à minha insegurança em não ser uma boa pesquisadora narrativa, eu pensava muito sobre como iria me relacionar com a participante. Com o decorrer da pesquisa, entendi que o relacionamento ético é considerar as emoções, sentimentos, pensamentos e reflexões, enquanto desenvolvemos a pesquisa juntas. Era o que eu estava preocupada em valorizar desde o início da pesquisa.

Logo de cara, percebi que outra grande dificuldade que eu tinha era sobre a exposição na pesquisa. Hoje, entendo que esse impasse se deu devido a eu me considerar uma pessoa reservada e tímida, e também, a estar acostumada a desenvolver pesquisas com outro enfoque teórico (a que entende a neutralidade da pesquisadora como necessária e que nos implica em escrever textos de pesquisa na terceira pessoa). Hoje, ao pensar sobre como eu me comportava no início da pesquisa, percebo que eu estava contando histórias sagradas, aquelas que são concretas e universais e que entendem que a teoria é mais importante que a prática. Percebo que eu tinha insegurança de entrar em contato com a participante e vivenciar a pesquisa, pois acreditava que não tinha o conhecimento teórico necessário sobre como era desenvolver uma pesquisa narrativa.

No entanto, notei que esse aspecto não era um problema para a Rinara, pela sua facilidade em falar, desde quando nos conhecemos, e também, por observar a sua atitude autêntica diante da pesquisa. Surpreendi-me com a sua narrativa forte, assertiva e pontual, assim como ela realmente é em seu cotidiano. O jeito claro, objetivo e transparente da Rinara, às vezes, me deixou sem saber o que fazer em determinados momentos na composição dos textos de campo. Muitas vezes, me peguei perguntando para ela se ela queria realmente abordar alguns assuntos na pesquisa.

Desse modo, ao perceber a disponibilidade que a participante tinha, fui me sentindo mais livre para me soltar, me permitir tornar uma pesquisadora narrativa e expor aspectos que eu considerava pessoais. Nesse ponto que eu tive o real entendimento do que era a ética relacional, segundo Clandinin, Lessard e Caine (2012) e do espaço seguro, segundo Clandinin e Connelly (2015), que a participante proporcionou para mim. Assim como eu tinha o respeito e preocupação com a integridade de Rinara, ela também tinha comigo. Teve paciência e empatia no meu amadurecimento enquanto pesquisadora.

No espaço seguro, de acordo com Clandinin e Connelly (2015), que eu e Rinara criamos para compartilhar nossas histórias, percebi que compartilhamos histórias secretas (aquelas que ocorrem em reuniões fechadas e somente em espaços seguros), assim como conceituado por Clandinin e Connelly (1995) e também, sobre como nos sentimos ao contar as nossas histórias.

Com a mesma facilidade com que ela me contava sobre as suas narrativas, eu me senti segura em compartilhar com ela os impasses sobre a pesquisa e sobre como eu estava me sentindo enquanto pesquisadora narrativa iniciante. Era um espaço mútuo de acolhimento e compreensão.

Escrever e me posicionar, em primeira pessoa nessa dissertação, para mim, foi um grande desafio, pois demanda uma força e assertividade que no início da pesquisa eu não tinha. Eu era muito insegura e no decorrer da convivência com a Rinara, fui aprendendo a me posicionar e a entender sobre como essa atitude era algo importante.

Pensando na minha realidade de mulher cis, o meu posicionamento assertivo é importante para aprender a lidar com situações machistas cotidianas e situações que exigem de mim um pensamento crítico reflexivo, além de me posicionar (e me sentir confortável) quando escrevi este texto de dissertação.

Agora, pensando na realidade de mulher trans, da Rinara, percebo que esse posicionamento é necessário para que ela também consiga lidar com situações machistas no seu cotidiano, além de ser uma forma de (r)existência e afirmação da sua identidade no mundo. Essa é uma aproximação que vejo entre as nossas histórias.

Em algumas conversas com a Rinara, eu fiquei pensando sobre como o seu posicionamento foi importante para que a família dela soubesse como lidar com ela e também em relação aos cuidados (físicos e emocionais) de que precisava enquanto criança, enquanto um adolescente *gay*, na sua transição e agora como uma mulher trans. Penso também, que essa não é a realidade constante de pessoas trans no Brasil. Muitas pessoas trans são abandonadas por suas famílias, não têm o apoio necessário para construir uma vida em família e com afeto. Silva (2018) aponta que pessoas trans vivenciam diariamente preconceito e discriminação em suas relações familiares e sociais. Essas situações podem desencadear transtorno do pânico, ansiedade e depressão. Há vários indicadores evidenciando que os vínculos satisfatórios com a família e com uma rede de apoio adequada desempenham um papel de proteção em situações de estresse, ansiedade e depressão, além de representarem um lugar seguro de acolhimento durante o período de revelação da transexualidade e durante a transição (SILVA, 2018).

Em algumas famílias, Silva (2018) aponta que as ambiguidades das reações familiares frente à transexualidade variam entre aceitação e rejeição. Os relacionamentos afetivos podem se fragilizar e se romper devido ao julgamento social e à dificuldade de reconhecimento do gênero que a pessoa trans assumiu. Assim, o processo de construção da identidade como pessoa trans é sinalizada através das mudanças de gênero, de sexualidade, de nome, de papéis sociais,

de emprego e também pelo reconhecimento da sua luta e (r)existência. (SILVA, 2018).

Ademais, uma rede de apoio, de amigos, familiares e um parceiro afetivo, tem a função de proteger e acolher pessoas trans frente às diversas dificuldades que elas passam no seu cotidiano (SILVA, 2018). Rinara, durante as nossas conversas, me falava sobre seus amigos, no entanto, percebi que a sua rede de apoio mais importante era a sua família (sobretudo a sua mãe e o seu padrasto).

Apesar de sempre ter tido uma rede de apoio forte de seus familiares, a participante abordou várias vezes o abandono paterno. Enquanto psicóloga, entendo que há eventos em que a nossa consciência não esquece, não importa o tempo que passe. Nesses casos, é necessário ajuda psicológica para que essas memórias sejam ressignificadas e não cause danos a vida psíquica no futuro. Rinara fez muitos anos de terapia e quando a questioneei o motivo de abordar essa questão na pesquisa, me respondeu ser uma fase de sua vida que a lembra de como ela foi forte e a impulsiona a passar por outras situações de rejeição ao longo de sua vida.

Lopes (2017) aponta que as instituições como a família e a escola reproduzem padrões heteronormativos, que interferem na subjetividade e na singularidade de suas experiências cotidianas, no que concerne às questões de gênero e sexualidade. Assim, é necessário questionar e refletir sobre os processos de disciplinamento e educação para as diferentes expressões sexuais e de gênero, oferecendo uma rede de apoio e um ambiente de escuta sobre as diferentes formas de tratamento no ambiente familiar e escolar.

Em nossas conversas, a participante demonstrou afeto ao falar sobre seus professores na época da escola, não abordando nenhuma situação específica que a tenha marcado. No entanto, relata que há sim dificuldades por ela ser uma mulher trans, assim como há com qualquer pessoa que fugia do padrão normativo social.

Nesse momento, comecei a pensar sobre a minha relação ética com a Rinara. A minha preocupação durante toda a pesquisa era: construir um bom relacionamento com base na ética, amizade, respeito, empatia e alteridade. Fiquei muito satisfeita com o resultado dessa pesquisa, pois durante todo o processo, ela colaborou ativamente. Quando perguntei a sua opinião sobre o nosso relacionamento ético, durante a confecção da pesquisa, Rinara disse gostou de ter me conhecido e de ter compartilhado suas experiências, além de ter gostado de ter participado da pesquisa, pois não teve a experiência de ser colaboradora em outras pesquisas, e também sentiu satisfação em saber que a sua história contribuiu para a comunidade social e científica.

Foto 8: Eu e Rinara.



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

3.11 Sobre ser uma pesquisadora narrativa...

Ao desenvolver essa pesquisa, eu aprendi muito sobre mim e sobre quem estou me tornando. O movimento de contar e recontar histórias e, a partir delas, compor sentidos, me permitiu ressignificar aspectos da minha vida pessoal e profissional; além de me fazer pensar sobre quais serão as minhas escolhas depois do mestrado. No início, eu tive muita dificuldade em abrir mão da psicanálise, por conta da minha afinidade com a teoria, da minha formação em psicologia e também, as divergências teóricas que a psicanálise apresenta em relação a pesquisa narrativa. Pensei muitas vezes em desistir do mestrado, por me achar incapaz de desenvolver essa pesquisa e por não querer me expor tanto enquanto pesquisadora e participante.

Outra dificuldade que encontrei foi durante o processo de realização e de escrita desta dissertação, em que o mundo enfrentava a pandemia do coronavírus (Covid-19), de modo que fomos forçados a fazer isolamento social. Com a universidade fechada e sem poder ir até a participante da pesquisa, eu me deparei novamente com incertezas sobre a minha capacidade de continuar com este estudo.

A experiência de desenvolver uma pesquisa pelo meio virtual me fez perceber que a *internet* é um meio de comunicação muito importante, por mais que muitas vezes eu o tenha subestimado por não conseguir a essência de suas histórias, reparar as entonações de sua voz,

suas feições e os sentimentos transmitidos enquanto contava as histórias.

Para mim, a experiência de viver a pesquisa e me tornar uma pesquisadora narrativa iniciante foi aprender a lidar e me adaptar com as situações e impasses que ocorrem durante o percurso da pesquisa. Eu me senti frustrada e perdi a oportunidade de conhecer a participante que perdi o contato durante a pandemia, no entanto, por outro lado, consegui me adaptar e conseguir levar a pesquisa adiante com a Rinara, com um espaço seguro na ética relacional, que nos permitiu compor sentidos das nossas experiências.

Viver essa experiência da ética relacional, enquanto pesquisadora e participante me fez retornar e refletir sobre as minhas angústias iniciais sobre como seria a melhor forma de entrar em contato com a participante e qual deveria ser a minha postura diante dela, sem parecer que (de qualquer forma) eu estivesse as desrespeitando. Pensando na minha postura ética com a participante durante as nossas conversas, percebo que consegui transparecer espontaneidade, criatividade e descontração. Em vários momentos, Rinara se mostrava surpresa com a metodologia da pesquisa e ficava animada em dar continuidade. Assim, percebi que além ter criado um espaço seguro para que desenvolvêssemos a ética relacional, abrimos um espaço para conversas sobre assuntos transversais à pesquisa.

Após viver essa experiência (e também depois de todas as leituras que fiz para me preparar para a escrita dessa dissertação), reflito sobre o que é, de fato, ser uma feminista? O que é e o que faz uma militante feminista? Um militante feminista tem que conhecer todos os movimentos feministas? Como eu vou saber a qual feminismo pertença? Se eu não me encaixar em nenhum? Tem como ser feminista e não saber nada de feminismo? Porque há mulheres que mesmo usufruindo de todos os privilégios que as feministas conquistaram, não se consideram feministas?

Pensando sobre essas questões, reconheço que há uma pressão (principalmente do meio acadêmico) para que toda mulher seja militante feminista. No livro *Problemas de Gênero*, Butler (2006) aponta que no mundo de hoje, não há como classificar uma mulher como universal: há mulheres negras, indígenas, brancas e trans, então questiona: como fazer um movimento feminista sem fazer um movimento restrito ao sujeito mulher, em suas diversas classes? Hoje, eu reconheço que esse questionamento de Butler (2006) é a questão que me faz pensar sobre o movimento feminista que eu me proponho a viver e pesquisar.

Desse modo, após viver essa experiência, a questão feminista é um assunto que me deixou muitas inquietações. Entendo que sou feminista, pois reconheço todos os privilégios que usufruí devido às lutas feministas (sobretudo o de estar em uma universidade pública desenvolvendo uma pesquisa como essa). No entanto, tenho dificuldade de me identificar e me

declarar inserida em uma vertente. O que eu posso concluir é que sou psicóloga feminista e o movimento feminista que eu defendo inclui e discute as pautas de mulheres trans.

Contudo, essa pesquisa me proporcionou refletir sobre as minhas práticas pessoais e profissionais, quando entendi que não preciso me identificar e levantar a bandeira de um feminismo único; e refletir sobre as minhas práticas sociais e acadêmicas, quando contei minhas narrativas sobre como decidi pesquisar sobre a transexualidade e entendi na composição de sentidos, com uma mulher trans, sobre as minhas inseguranças em me permitir viver a ética relacional e também sobre as minhas inseguranças e impasses enquanto pesquisadora narrativa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando entrei no campo de pesquisa, em janeiro de 2020, estava buscando construir narrativas com uma mulher trans, além de entender as histórias que nos constituem e como as expressamos, através da ética relacional. Olhando para trás, percebo que eu queria me tornar uma pesquisadora que fizesse a diferença e problematizasse minha prática pessoal e profissional, desde quando decidi estudar um tema de pesquisa pouco explorado na graduação até quando comecei a desenvolver essa pesquisa no mestrado.

Investigando as histórias que vivi com a participante, percebi que queria trazer para o meio acadêmico e social histórias que se não fosse por essa pesquisa, estariam escondidas, e assim possibilitar que desperte o interesse das leitoras a refletir as suas experiências sobre esse tema. Minha pesquisa situa-se no campo dos Estudos da Linguagem e a sua relação entre língua, linguagem e cultura nas significações e representações das interações humanas, em diferentes contextos sociais e culturais. Para isso, trilhei o caminho teórico-metodológico da pesquisa narrativa, na perspectiva de Clandinin e Connelly (2015), fundamentado em uma perspectiva indisciplinar *queer* da Linguística Aplicada, segundo Fabricio (2017), Jesus (2019), Livia e Hall (2010) e Moita-Lopes (2006), abordando os estudos de gênero performativos, de acordo com Butler (2006), Jesus (2014) e também, conceitos e problematizações do movimento transfeminista, conforme Dumerasq (2014), Bagagli (2014), Luppi (2019) e Ramírez (2014), para entender sobre o feminino e as linguagens entre uma mulher cis e uma mulher trans.

Dessa forma, Rinara me ajudou a entender essas questões abordadas acima, através da ética relacional, entre uma pesquisadora mulher cis e uma participante mulher trans. No início da pesquisa, para mim, descrever e analisar as experiências vividas pelas participantes buscando compreender como se expressam como mulheres trans, parecia algo distante e impossível. Eu pensava que por ser uma mulher cis, já estava sendo audaciosa ao pesquisar sobre a transexualidade e que de alguma forma ela poderia se sentir desrespeitada. Pensava que por não ter experiências e histórias sobre a transexualidade, não tinha propriedade para falar sobre o tema e que as poucas histórias que eu tinha (as que contei no início desta dissertação) não eram suficientes.

No começo da pesquisa narrativa, quando ainda estava escrevendo o projeto, eu me senti insegura, pois escrever o projeto sem ter a experiência, as histórias, formular questionamentos e indagações de pesquisa e, também compreender que os objetivos e as problematizações podem mudar a todo momento, me faziam pensar que a pesquisa não ia dar certo.

Para tentar diminuir um pouco a insegurança, eu li muitas dissertações e teses em

pesquisa narrativa para me ajudar a como entrar no campo de pesquisa sem que eu me sentisse uma intrusa (pensando que a vida é contínua e que histórias estavam acontecendo antes de eu entrar no campo da pesquisa e continuaram quando eu saí). Foi assim que percebi que não havia um jeito certo de fazer pesquisa narrativa, porque cada pesquisa é feita de experiências e histórias diferentes. Nesse momento, eu fiquei insegura novamente, em relação a como adaptar as minhas experiências ao viés teórico da pesquisa narrativa, pois todas as pesquisas que eu li eram voltadas para o conhecimento prático, pessoal e profissional do professor em sala de aula, com seus alunos, e a minha pesquisa não se tratava dessa paisagem e contexto. Então comecei a pensar: como adaptar a teoria às minhas experiências? Desse modo, e quanto às experiências da participante? Como vou escrever as histórias? Qual a melhor forma de escrever?

Pensando sobre essas indagações, antes de começar a escrever a dissertação, percebi que eu precisaria me expor na pesquisa mais do que eu gostaria. A questão da exposição era outro tópico que me deixava apreensiva enquanto pesquisadora. Quando comecei a pensar narrativamente, entendi que a exposição era necessária para que eu vivesse as experiências integralmente e ao expor as minhas experiências nesta dissertação, eu pretendo contribuir para os estudos em pesquisa narrativa no Brasil e ajudar futuros pesquisadores narrativos que possam ter os mesmos questionamentos e entraves que eu tive, enquanto estava desenvolvendo esta pesquisa.

Em relação às minhas primeiras indagações de pesquisa, eu me perguntava sobre como seria desenvolver uma pesquisa em que eu entraria em contato com uma mulher trans, como são as experiências vividas por ela, quais as histórias que a constitui e quais os temas que seriam abordados. Percebi durante a pesquisa, que tive a oportunidade de conhecer uma mulher forte, independente e que lida com os conflitos da vida com bravura e (r)existência, em busca da realização dos seus sonhos e as histórias que a constitui, são histórias que a movem em busca de uma vida melhor e com mais representatividade. Rinara é uma mulher que luta para conquistar o seu espaço no mundo, a começar por uma vaga de emprego e uma vaga na universidade.

Através das nossas conversas, pude perceber que surgiram temas como relacionamentos familiares e interpessoais, falta de empregabilidade para as pessoas trans, reflexões sobre como é desenvolver a ética relacional e problematizações do mundo atual, durante a pandemia mundial do coronavírus. Desenvolvendo essa pesquisa, aprendi a olhar para a minha prática pessoal e profissional percebendo meus acertos e erros e buscando maneiras de solucioná-los e problematizando-os, durante a pesquisa, para que futuramente, eu me torne uma pesquisadora melhor.

A participante tem uma história que me provocou sentimentos, emoções e reflexões diferentes (sobre a minha prática pessoal e profissional), que pude reviver e recontar com ela na composição de sentidos, através da ética relacional. Considero as nossas experiências como diferentes, porque ao reviver e recontar as histórias com a participante na sua composição de sentidos, eu procurei me posicionar e refletir sobre as histórias dela buscando os fios narrativos que ligam as nossas histórias, as tensões que vezes nos distanciaram e também, busquei refletir sobre a minha postura enquanto pesquisadora narrativa, psicóloga e feminista. Vivi histórias em que entendi que estava fazendo um ótimo trabalho, mas também vivi histórias em que percebi que estava falhando enquanto pesquisadora. Não foi um processo fácil, contar e escrever essas narrativas, no entanto, compor sentidos sobre elas me fez entender o seu caráter transformador, apontando os aprendizados e me permiti pensar sobre o futuro.

Assim, quando compus sentidos sobre as minhas narrativas e experiências, pude perceber o meu amadurecimento prático, pessoal e profissional, enquanto pesquisadora. Relendo as narrativas iniciais desta dissertação, vejo uma aprendiz de pesquisadora, ingênua e curiosa, que tinha uma grande sede por conhecimento e que não ia parar até conseguir respostas para as suas perguntas. O que eu não imaginava é que com as respostas, vêm novas perguntas, que me levariam a outros caminhos e esses caminhos me levariam muito longe.

No recontar das minhas narrativas, eu já me deparei com uma pesquisadora iniciante decidida a ir atrás dos seus objetivos para se sentir realizada pessoal e profissionalmente. Apesar de todas as dificuldades que tive para me tornar uma pesquisadora narrativa, fico feliz por persistir e trilhado esse caminho no mestrado. Os aprendizados e percepções que tive durante esse caminho não seriam possíveis em nenhuma outra paisagem que não essa.

Em minhas últimas indagações de pesquisa, eu perguntei sobre como era viver a ética relacional da pesquisa narrativa, entre mim, uma mulher cis e uma mulher trans e sobre quais são as tensões que enfrentaríamos. Antes de entrar em contato com a participante, eu tinha o receio de que ser uma mulher cis com a intenção de pesquisar sobre as histórias que as constituem poderia soar desrespeitoso. No entanto, me surpreendi com a abertura e disponibilidade da participante quando começamos a desenvolver nosso relacionamento ético. Dessa forma, todas as minhas inseguranças em relação à exposição e o sentimento de não ser uma boa pesquisadora narrativa caíram por terra. Eu estive aberta e entregue à pesquisa, assim como a participante esteve também. O relacionamento ético com a participante foi construído no dia a dia, nas possibilidades que encontramos frente às adversidades e intercorrências das nossas vidas e das nossas histórias. Foi o elemento essencial para que eu me permitisse viver a pesquisa sem medos, inseguranças, receios e ansiedade.

Em várias conversas que tive com a participante, indaguei-a sobre como foi desenvolver uma pesquisa sobre o nosso relacionamento ético e chegamos à conclusão de que essa pesquisa só foi possível de ser realizada, porque tivemos paciência, calma e confiança uma na outra. Durante o ano de 2020, em que estivemos muito próximas, contamos, criamos e escrevemos muitas histórias juntas.

Rinara me marcou com o seu jeito prolixo de ser. Sempre tinha histórias para contar. Com o tempo, o fato de eu não ter perguntas para as conversas não foi mais um problema para mim e para ela. O relacionamento ético foi espontâneo e fluído. Olhando para trás, eu percebo que ela entendeu, antes de mim, como funcionava a dinâmica do relacionamento ético na pesquisa e me ensinou. Em muitos momentos, eu me via mergulhada em medos e dúvidas, então, ela me puxava para a pesquisa de uma maneira simples. Ela participou ativamente da pesquisa: cobrou-me os textos de campo e de pesquisa para ler, fez os apontamentos de considerações de que gostava e das que não, me pedia para indicar leituras para ela e me indicava leituras também.

Conseguimos nos encontrar algumas vezes, antes de a pandemia começar. Eu considero que esse contato presencial foi de suma importância para que o vínculo continuasse forte e diário, através de fotos e áudios no *Whatsapp*, depois que a pandemia começou e tivemos que fazer isolamento biológico. A confiança foi mútua. Ela me chamava nas redes sociais sempre que podia e queria saber de tudo. Assim como ela contava suas histórias, para revivermos e compor sentidos juntas, foi aberta uma janela para que eu pudesse compartilhar minhas problematizações de pesquisa com ela. Além de ter ganhado uma amiga, consegui me desvencilhar dos meus medos de pesquisadora narrativa iniciante e refletir sobre a ética relacional. Entendi que, assim como precisei estar preparada para desenvolver essa pesquisa, precisei estar aberta e disposta a viver a ética relacional também.

Em relação à segunda participante, eu me senti frustrada em ter que retirá-la da pesquisa, por perder o contato com ela quando a pandemia começou. Esse fato me fez entender que ser pesquisadora não é uma tarefa fácil e que as participantes da minha pesquisa eram muito mais do que participantes, eram subjetividades singulares com emoções, sentimento e percepções diferentes, que mereciam toda a minha atenção, cuidado e sensibilidade; e que a minha experiência vivida durante o mestrado serviu muito mais do que para compor sentidos. Os aprendizados que tive com as experiências, durante a pesquisa, mudaram a minha perspectiva enquanto pesquisadora narrativa, psicóloga e feminista.

Destarte, o caminho que percorri até aqui desenvolvendo esta pesquisa me proporcionou o aprofundamento teórico, mas também uma percepção maior sobre mim em relação as minhas

escolhas e decisões práticas, pessoais e profissionais. Portanto, esta pesquisa foi uma porta de entrada para a temática da ética relacional e que deixa muitas lacunas para que futuras pesquisas sejam desenvolvidas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. B.; VASCONCELLOS, V. A. **Transexuais: transpondo barreiras no mercado de trabalho em São Paulo?** Rev. direito GV, São Paulo, v. 14, n. 2, pág. 303-333, agosto de 2018.
- BAGAGLI, B. P. **O que é cisgênero?** Transfeminismo, 2014. Disponível em: <https://transfeminismo.com/o-que-e-cisgenero/>. Acesso em: 16 mar. 2020.
- BARCELOS, A. M. F. **Compreendendo a pesquisa (de) narrativa. Pesquisa Narrativa: Histórias sobre ensinar e aprender línguas.** Org. Ronaldo Correia Gomes Junior. São Paulo: Pimenta Cultural, p. 17-37, 2020.
- BENGEZEN, V. C. **As histórias de autoria que vivemos nas aulas de Inglês do sexto ano na escola pública.** 2017. 208 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, 2017.
- BENGEZEN, V. C. **Ética relacional, formação e autoria docente na perspectiva da inclusão. Linguagem: Estudos e Pesquisas,** v. 2, n. 1, 2018.
- BENGEZEN, V. C. **INGLÊS NA ESCOLA PÚBLICA: experiências com tecnologias digitais, inclusão, autoria docente e discente.** Revista Prolíngua, v. 13, n. 12, 2018.
- BENGEZEN, V. C. **Narrativas de aprendizes de língua inglesa. Pesquisa Narrativa: Histórias sobre ensinar e aprender línguas.** Org. Ronaldo Correia Gomes Junior. São Paulo: Pimenta Cultural, p.62-85, 2020.
- BENTO, B. **O que é Transexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 2008.
- BORBA, R. **A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinação conceituais.** Cadernos de Pagu, jul-dez. 2014.
- BORBA, R. **Linguística queer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem.** Revista Entrelinhas, Pelotas, v. 9, n. 1, p. 91-107, out. 2015.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.
- BUTLER, J. **Rethinking Vulnerability and Resistance.** In: SESC Vila Mariana, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TyIAeedhKgc>. Acesso em: 19/03/2020.
- CAINE, V. LESSARD, S. CLANDININ, D. **Comunidades responsivas de visibilidade na pesquisa narrativa.** 2019.
- CAMPOS, D. M. A. R. **Transgeneridade e feminilidade: uma etnografia acerca do que é ser mulher.** 18º REDOR. Perspectivas Feministas de Gênero: Desafio no Campo das militâncias e das Práticas. 2014.

- CLANDININ, D. J, CONNELLY, M. F. **Teacher Professional Knowledge Landscapes**. New York – London: Teachers College Press (Eds). 1995.
- CLANDININ, D. J; CONNELLY, M. **Pesquisa Narrativa: Experiência e história em pesquisa qualitativa**. 2 ed. Ver. Tradução: GPNEP: Grupo de pesquisa narrativa e educação de professores. ILEEL\UFU. Uberlândia: UDUFU, 2015.
- CONNELLY, F. M., CLANDININ, D. J. **Shaping a Professional Identity: Stories of educational practice**. New York, NY: Teachers College Press (Eds) 1999.
- CLANDININ, D.; LESSARD, S.; CAINE, V. **REVERBERATIONS OF NARRATIVE INQUIRY: How resonant echoes of an inquiry with early school leavers shaped further inquiries**. Educação, Sociedades e Culturas, 2012.
- DEWEY, J. **Experience and Education**. New York: Collier Books, 1938.
- DUMARESQ, L. **Comentário do texto O (cis)gênero não existe**. Transliteração, 2014a. Disponível em: <http://transliteracao.com.br/leiladumaresq/2014/12/comentario-do-texto-o-cisgenero-nao-existe/>. Acesso em: 16 mar. 2020.
- DUMARESQ, L. **O cisgênero existe**. Transliteração, 2014b. Disponível em: <http://transliteracao.com.br/leiladumaresq/2014/12/comentario-do-texto-o-cisgenero-nao-existe/>. Acesso em: 16 mar. 2020.
- DUMARESQ, L. **Ensaio (travesti) sobre a escuta (cisgênera)**. Revista de Estudos Interdisciplinares em gêneros e sexualidades. Periódicus, Salvador, n. 5, v. 1. 2016.
- DUNKER, C. **A arte da quarentena para principiantes**. Boitempo Editorial. 2020.
- ELY, M.; VINZ, R.; DOWNING, M; ANZUL, M. **On writing qualitative research: living by words**. London and Philadelphia: Routledge Falmer, 2005.
- FABRÍCIO, B. F. **Linguística aplicada e visão de linguagem: por uma (in)disciplinaridade radical**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 1, p. 1-19, 2017.
- FERREIRA, S. R. S. **SABERES LOCALIZADOS E A “ESCRITA DE SI” DE SUJEITOS TRANS EM PLATAFORMAS DIGITAIS**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos). Florianópolis, 2017.
- JARDIM, J. G. **DEVERIAM OS ESTUDOS QUEER FALAR EM CIS-HETERONORMATIVIDADE? REFLEXÕES A PARTIR DE UMA PESQUISA SOBRE PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO NAS ARTES MARCIAIS MISTAS FEMININAS**. 4 Seminário Internacional de Educação e Sexualidade, 2 Encontro Internacional de Estudos de Gênero. Vitória – ES, 2016.
- JESUS, D. M. **Educados no sexo neutro: a construção discursiva de sexualidade e de gênero em um texto da revista *Veja***. *Rev. bras. linguist. apl.* [online], vol.14, n.3, p. 613-634,

2014.

JESUS, D.; MARCHETTO, G.; DENARDIN, A.; **Sentidos em Torno do Corpo Transexual: O Discurso Médico Científico no Livro A Garota Dinamarquesa de David Ebershof.** Revista Linguagem em Foco, v. 11, p. 1-15, 2019.

JESUS, J. G. **Feminismo e identidade de Gênero: Elementos para a construção da teoria transfeminista.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.

LIVIA, A.; HALL, K. **“É uma menina!”: a volta da performatividade à linguística.** In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (Org.). Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola, 2010. p.109-127.

LOPES, F. **Transgêneros: narrativas de escolarização na Amazônia.** 2017. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia) – Fundação Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, RO, 2017.

LONGARAY, D. A.; RIBEIRO, P. R. C. **Travestis e transexuais: corpos (trans)formados e produção da feminilidade.** Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 761-784, Dec. 2016.

LUPPI, M. **O feminismo precisa das mulheres trans.** 2019. Disponível em: <https://medium.com/@mluppi606/o-feminismo-precisa-das-mulheres-trans-b13969434a7b>
Acesso em: 22/06/2020.

MELLO, D. M. **Histórias de subversão do currículo, conflitos e resistências: buscando espaço para formação de professores na aula de língua inglesa no curso de Letras.** 2005. 225 f. Tese (Doutorado) – Pontífica Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

MELLO, D. M. **ETNOGRAFIA, PESQUISA NARRATIVA E FENOMENOLOGIA: entendendo espaços de fronteira entre três caminhos de pesquisa.** Narrativas, gênero e política \ Organização Rosineide Cordeiro, Luciana Kind. – 1. Ed. – Curitiba, PR: CVR, 2016. p. 17-47.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula.** Campinas: Mercado das Letras, 2006a.

MOITALOPES, L. P. **Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar.** In: Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola, 2006b.

OLIVEIRA, M. R. G. **O diabo em forma de gente: (r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação.** Curitiba, 2017. 190 f. Tese (Doutorado em Educação) – – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

PROENÇA, E. R. **Pedagogia do subterrâneo: narrativas trans, éticas, estéticas e políticas dos e nos cotidianos escolares.** 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de

Sorocaba, Sorocaba, SP, 2017.

RAMÍREZ, B. **Colonialidad e cis-normatividade**. Entrevista con Viviane Vergueiro. *Iberoamérica Social: revista de estudios sociales*, v. 3, p. 15 – 21, 2014.

ROCHA, L. L. **Teoria queer e a sala de aula de inglês na escola pública: performatividade, indexicalidade e estilização**. 2013. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

RODRIGUES, C. **O (cis)gênero não existe**. Blog do IMS, 2014. Disponível em: <https://blogdoims.com.br/o-cisgenero-nao-existe/>. Acesso em: 16 mar. 2020.

SANTOS, L. H S. **Heteronormatividade e Educação**. In: SEMINÁRIO DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA, Brasília, 12 de novembro de 2007.

SANTOS, S. R., **Experiências de alunas e alunos LGBTQs e identidade de gênero na escola**. 2017. 99 f.: il. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Uberlândia-MG, 2017.

ANEXO 1**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****(Decreto nº 93.933 de 14/01/87; Resolução CNS nº 196/96)**

Você está sendo convidada para participar, como voluntária, da pesquisa intitulada **“UMA PESQUISA NARRATIVA COM DUAS MULHERES TRANS: LINGUAGENS E IDENTIDADES”** sob a coordenação da pesquisadora responsável e mestrandia *Sarah Thayne Rodrigues Silva dos Santos* sob orientação da professora Dra. *Viviane Cabral Bengezen*, e nossa área de estudo são os Estudos da Linguagem. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa, você não será penalizada de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via email (sarahthayne13@gmail.com) e, também, você poderá entrar em contato pelo telefone: (64) 981776858. Em casos de dúvidas **sobre os seus direitos** como participante nesta pesquisa, você poderá entrar em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone: (64) 3411-7609.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A PESQUISA

Este termo de consentimento refere-se a **“UMA PESQUISA NARRATIVA COM DUAS MULHERES TRANS BRASILEIRAS: LINGUAGENS E IDENTIDADES”** e tem como um de seus **OBJETIVOS**: descrever e analisar as experiências vividas pelas participantes da pesquisa buscando compreender como elas se expressam como mulheres trans, quais são as paisagens onde elas vivem, quais são os gêneros textuais utilizados, em quais suportes e quais histórias constituem essas mulheres. O presente estudo tem como **JUSTIFICATIVA** a compreensão de que o referido trabalho poderá trazer importantes contribuições de cunho científico e social na compreensão do tema proposto o que, conseqüentemente, se refletirá em novas alternativas para novas problematizações e discussões. A **METODOLOGIA** usada nesse estudo será a pesquisa narrativa, que investiga as experiências vividas e como as pessoas narram às histórias dessas experiências. Sendo assim, a experiência é interpretada e significada pela própria pessoa, em constante relação ética com a pesquisadora.

Os instrumentos utilizados para compor os textos de campo (dados) e posteriormente os textos de pesquisa (dissertação, artigos, capítulos de livros), serão entrevistas, emails, mensagens de Whatsapp, fotos e vídeos do Instagram e Youtube, sobre o que as participantes postam nas redes sociais em relação as suas vidas como mulheres trans. Pretende-se analisar questões de linguagens, gêneros textuais e identidades que as participantes de pesquisa usam para se expressar e comunicar com outras pessoas, nas redes sociais e nos seus espaços profissionais e educacionais.

Os **RISCOS** que a presente pesquisa pode apresentar serão relacionados às emoções das participantes quando narrarem algumas de suas experiências vividas, podendo haver possibilidade de se sentirem envergonhadas, desconfortáveis e incomodadas ao serem observadas durante as entrevistas com a pesquisadora. Além disso, ao compor sentidos das experiências e recontar suas histórias, as participantes precisarão enfrentar os desafios constituídos desse tipo de enfrentamento consigo mesma, reviver experiências passadas, imaginar desafios futuros e lidar com possíveis sentimentos difíceis. Neste caso, as participantes terão assistência imediata, por parte da pesquisadora. O **BENEFÍCIO** que as participantes podem ter é compartilhar assuntos que consideram importantes, possibilidades de autoconhecimento e reflexão sobre as suas realidades e uma oportunidade de divulgar os trabalhos que elas desenvolvem.

Acrescenta-se ainda que, na presente pesquisa, a participação é completamente voluntária e gratuita, não sendo necessário gasto algum por parte das participantes.

Nenhum nome e/ou identificação será revelado no trabalho final, a não ser que isso seja do desejo do participante de livre e espontânea vontade. Os riscos envolvendo a identificação das participantes será o reconhecimento da sociedade e algum constrangimento, devido aos temas abordados na pesquisa.

As participantes convidadas a participarem desse estudo terão a **TOTAL LIBERDADE** de se **RECUSAR** a responder quaisquer questões que lhe causem desconforto, assim como de **RETIRAR** seu consentimento em qualquer fase do trabalho, sem que lhe cause desconforto ou penalização. Todos os esclarecimentos sobre esse estudo, em qualquer momento de sua realização, serão oferecidos pelas pesquisadoras, abaixo identificadas, ou pela pesquisadora responsável e mestrandia *Sarah Thayne Rodrigues Silva dos Santos*, responsável pela pesquisa. Caso a participante se sinta prejudicado de alguma forma pelos resultados desta pesquisa, este está no seu direito de reivindicar indenização e todo o processo legal a que tenha direito, conforme aponta a Resolução CNS 466\2012.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO PARTICIPANTE DA PESQUISA

Eu, _____, RG\CPF _____, abaixo assinado, concordo em participar **VOLUNTARIAMENTE** do estudo, “**UMA PESQUISA NARRATIVA COM DUAS MULHERES TRANS BRASILEIRAS: LINGUAGENS E IDENTIDADES**” como participante. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que a participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informada e esclarecida pela pesquisadora responsável e mestranda Sarah Thayne Rodrigues Silva dos Santos sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a participação no projeto de pesquisa descrito acima.

Sobre a divulgação de voz/opinião da participante:

- Permito a divulgação da voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa;
- Não permito a publicação da voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Sobre a divulgação de conteúdos (fotos, textos, imagens e áudios) das redes sociais (*facebook, instagram, whatsapp, youtube, email*):

- Permito a divulgação de conteúdos das redes sociais nos resultados publicados da pesquisa;
- Não permito a publicação de conteúdos das redes sociais nos resultados publicados da pesquisa.

Sobre a identificação da participante:

- Permito a identificação através de uso de nome nos resultados publicados da pesquisa;
- Não permito a identificação através de uso de nome nos resultados publicados da pesquisa.

Catalão, _____ de _____ de 201_

Assinatura por extenso pela participante

Assinatura por extenso da pesquisadora responsável

ANEXO 2**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Neste ato, _____, nacionalidade _____, estado civil _____, portador da Cédula de identidade RG nº. _____, inscrito no CPF/MF sob nº _____, AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada na dissertação de mestrado intitulada **“UMA PESQUISA NARRATIVA COM DUAS MULHERES TRANS: LINGUAGENS E IDENTIDADES”** e todos os demais produtos deste trabalho, desenvolvido pela mestrandia Sarah Thayne Rodrigues Silva dos Santos, orientada pela Profa. Dra. Viviane Cabral Bengezen, na Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão (UFG\RC), destinadas à divulgação ao público em geral.

A presente autorização é concedida gratuitamente, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) out-door; (II) busdoor; folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (III) folder de apresentação; (IV) anúncios em revistas e jornais em geral; (V) home page; (VI) cartazes; (VII) mídia impressa; (VIII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros), artigos, livros eletrônicos e demais produtos oriundos do presente estudo.

Por ser de minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, assino a presente autorização.

Catalão, ____ de _____ de 201 ____.

Assinatura por extenso pela participante

Assinatura por extenso da pesquisadora responsável